

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

CÁSSIA ABADIA DA SILVA

**“O POETA NÃO É UMA PEDRA PERDIDA” –
REFLEXÕES ACERCA DO ENGAJAMENTO INTELECTUAL
DE PABLO NERUDA EM “PARA NASCER NASCI”**

4236

S.9

(c)

Uberlândia – MG
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

CÁSSIA ABADIA DA SILVA

**“O POETA NÃO É UMA PEDRA PERDIDA” –
REFLEXÕES ACERCA DO ENGAJAMENTO INTELECTUAL
DE PABLO NERUDA EM “PARA NASCER NASCI”**

Monografia apresentada ao Curso de História, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção do título de Licenciado/Bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dilma Andrade de Paula.

Uberlândia – MG
2014

CÁSSIA ABADIA DA SILVA

**“O POETA NÃO É UMA PEDRA PERDIDA” –
REFLEXÕES ACERCA DO ENGAJAMENTO INTELECTUAL
DE PABLO NERUDA EM “PARA NASCER NASCI”**

Monografia apresentada ao Curso de História, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para obtenção do título de Licenciado/Bacharel em História.

Uberlândia, 07 de Fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Dilma Andrade de Paula – Orientadora

UFU

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Spini

UFU

Prof. Dr. Leandro José Nunes

UFU

Aosque não conhecem e/ou não tiveram acesso ao conhecimento, ainda haverá dias em que todos descobrirão sua beleza.

Agradecimentos:

O mais amplo do mundo, o conhecimento, o reconhecimento, a alegria deixada por um presente, como um suavíssimo cometa, tudo isto e muito mais cabe na extensão de uma palavra. Quando se diz obrigado, se dizem muitas coisas mais, que vêm de muito longe e de muito perto, de tão longe como a origem do indivíduo humano, de tão perto como o secreto pulsar do coração.

Pablo Neruda

Chegar ao fim de uma caminhada que, outrora, parecia tão distante, é ter a certeza de que, mesmo o caminho sendo longo, tortuoso e cansativo em muitos momentos, conseguiu alcançar o que era almejado. Ao cair entre uma pedra e outra fui levantada por distintas mãos, que merecem toda a extensão da palavra obrigado. Portanto, agradeço:

Primeiramente, a uma força maior, a qual não se tem consenso de sua forma, pessoa ou nome, mas que acredito que só ela foi capaz de ajudar quando atravessava dias espinhosos, foi de suas mãos que saiu a solução de problemas que se apresentavam incontornáveis e a inspiração em períodos de desânimo.

O esforço, o carinho de meus pais, Lourenço e Magda, em apoiar as minhas escolhas e dificuldades, a paciência para escutar os inúmeros lamentos. Estas mãos que me ensinaram a andar quando criança, hoje, mesmo distantes, estão sempre estendidas a me proteger a cada passo dado. A torcida dos meus irmãos, Carina e Gabriel e de todos os familiares e amigos.

A porta aberta da casa dos meus tios, Ieva e Baltazar, que contribuíram em muito para a chegada a esta conquista. O acalanto e os sábios conselhos da Rose. A meiguice e a ternura da Clarinha, que divide não só seu quarto, mas as incertezas e os sonhos. Apesar de sua tenra idade, quantas vezes suas palavras foram as mais sensíveis em certas ocasiões, coisinha mais *cute* que passa inúmeras madrugadas acordadas me fazendo companhia nas noites de insônia. A alegria da flor (Alice), que colore os fins de semana. Como já dizia Guimarães Rosa, “Felicidade se acha em horinhas de descuido”.

A todos os colegas da 36ª turma de história pelo convívio durante estes anos nas aulas, nas viagens e nos bares. Em especial, ao Gustavo, companheiro para todas as horas, ao Rafael, pelas várias indicações bibliográficas, por dividir as discussões, as piadinhas e as melancolias, à Vagna, por seus conselhos e cuidados, à Miriam, por seus

incentivos, (“pense que o copo está quase enchendo e que não podemos parar na psiquiatria”... risos...), à Ana Maria, por seu exemplo de constante superação, à Mariana, por suas orações, à Cinthia, pelas suas sinceridades (adoro e um dia aprendo!!), à Lays, pelo longo tempo em que compartilhamos os mesmos projetos, espaços e muito mais, e, é claro, à Grace. Juntas formávamos o “trio do tricô”, dividíamos as ciladas (quando não me escondia no cabelo da Grace), o que deixou saudades das nossas segundas regadas de muitos sabores e tensões, por fim, à Mariane, a menina Mari, pois dela recebi o maior presente que alguém pode ganhar, a verdadeira amizade, foi ela a primeira pessoa que conheci no curso, com quem dividi a primeira das muitas mesas de bar que viriam, muitos trabalhos, almoços, tardes de filmes (saudades do nosso cine clube Al Pacino), noites que passamos conversando sobre questões amorosas e existenciais, apesar de alguns dias a loucura parecer sair de seus poros, a quem mais poderia falar de poesia e literatura, fazer um “convite triste”. Obrigada por não ter desistido de mim, contrariando a tese do filme “Irreversível”, nem tudo o tempo destrói (assim espero!!).

Aos demais colegas de curso, à Suelen e à Paulinha, pelas conversas de corredores, pelas inúmeras horas de muitas risadas nas escadas do “H” e noites de festinhas na casa da Paulinha. À Geane, companheira de badalações e dos modões sertanejos (ah, sem falar das divertidas noites em sua casa e dos saborosos cafés). E ao Artur, que pacientemente escuta minhas reclamações diariamente, e por dividir as canções da Ana Carolina. Ah, também pela ajuda nos estudos sobre a historiografia inglesa e pela a leitura generosa deste trabalho.

Aos integrantes do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC), pelas importantes contribuições acadêmicas.

A todos os professores que, ao longo do curso, compartilharam seus conhecimentos, suas experiências em prol de nossa formação (cada um à sua maneira e perspectiva historiográfica). Em conjunto, nos ensinaram, como diria Lucien Febvre a “viver a história”, profissionais que servem de inspiração diária para o exercício de nosso ofício.

À Prof.^a Dr.^a Dilma Andrade de Paula, em especial, que lançou suas mãos em um momento tão importante de minha formação, aceitando fazer parte deste empreendimento. Não tenho palavras suficientes para lhe agradecer (quem mais poderia me apresentar Gramsci?! risos), sua acolhida será guardada e lembrada no enveredar de futuros caminhos, assim como sua admirável postura como professora, seu

comprometimento intelectual e suas generosas orientações, as quais possibilitaram a viabilidade e concretização deste trabalho.

À leitura e arguição da banca, que aceitou gentilmente trazer suas contribuições. À prof.ª Dr.ª Ana Paula Spini, que sempre incentivou as reflexões referentes a história da América. Fruto de suas discussões nas aulas, foi minha “primeira pesquisa acadêmica”, contudo, aprendi algo mais valioso, o desenvolvimento da autonomia, sua destacada humildade uma referência que tomo na tentativa de me aperfeiçoar. Jamais encontrei alguém que tivesse a grandeza de tal qualidade. Ao prof. Dr. Leandro José Nunes, que, com seu carisma aguçou a paixão pela história de *nuestra América*, com suas belezas e dores. Não menos importante foram as nossas conversas, palavras amigas que sempre me deixavam mais animada, além de suas várias indicações bibliográficas. Enfim dois grandes artesãos da “arte de fazer história”, aos quais tenho profunda admiração.

Ao João Batista, secretário da coordenação dos cursos de história, por sua solicitude, sempre a nos salvar nas “questões burocráticas”, pelas muitas conversas e caminhadas rumo ao trabalho (sem falar dos sábios conselhos, dos gentis elogios e daquele cafezinho).

As colegas de trabalho do EMEI Paulo Freire e meus filhos, pelo carinho, o apoio e a compreensão nos dias exaustivos.

E, por fim, não poderia deixar de agradecer às inúmeras canções e poesias que me inspiraram, mostrando, como Fernando Pessoa, por meio do heterônimo Ricardo Reis que:

*Dúbia é a vida, inconstante o que a governa.
O que esperamos nem sempre acontece
Nem nos falece sempre,
Nem há com que a alma uma ou outra coisa spera.*

Fernando Pessoa

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como relampeja no momento de um perigo. [...] O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segura se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.

Walter Benjamim

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: Pablo Neruda, poeta chileno, sujeito de seu tempo.....	09
1.1. As ditaduras no cone sul	10
1.2.Chile e Neruda	14
CAPÍTULO II: Neruda: <i>a poesia é um ofício</i>	27
2.1.O papel da poesia e da literatura para Neruda.....	29
2.2.A relação do poeta com sua “terra austral” e seu olhar sobre“outro”	43
2.3.Um capítulo triste da história do Chile.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
FONTES.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	56

INTRODUÇÃO:

Finalmente, o que é uma “obra de valor” em história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso com relação ao estatuto dos “objetos” e dos métodos históricos e, que, ligada ao meio ao qual se elabora, torna possíveis, por sua vez, novas pesquisas. O livro ou artigo de história é, ao mesmo tempo, um resultado e um sintoma do grupo que funciona como laboratório. Como o veículo saído da fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao *complexo* de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma “realidade” passada. É o produto de um lugar.¹

À luz das reflexões de Michel de Certeau em seu livro “A escrita da história”, iniciamos esse exercício de escrita, tendo em vista que o trabalho monográfico consiste em colocar em prática o “fazer histórico”, ou seja, utilizar-se dos conhecimentos adquiridos sobre como fazer uma pesquisa histórica assim como escrever sobre esta, trata-se de fazer uma “operação historiográfica”, que é realizada a partir de um “lugar social”, do qual fala o historiador, de “práticas científicas” e da “escrita”, como adverte o próprio Certeau.

Assim, ao emprendermos esta narrativa para além de nosso tema de pesquisa também refletimos acerca de nosso ofício e de nossos instrumentos de trabalho, sendo de extrema importância destacar o papel dos métodos e procedimentos, pois este talvez seja um dos pontos mais analisados na leitura dos escritos históricos. Para além da pergunta “o que é uma “obra de valor” em história”, devemos nos questionar sobre quais são os princípios capazes de distinguir uma obra de história das demais de outras áreas do conhecimento.

Acreditamos que a especificidade de uma obra histórica está pautada no próprio objeto da história, como destaca Marc Bloch, “os homens no tempo”², deste modo, o conteúdo de um trabalho de caráter histórico deve ser elaborado a partir desta assertiva.

Contudo, para que uma obra histórica seja reconhecida enquanto tal, é necessário passar pelo “tribunal de recursos final da disciplina”³, como Thompson aponta em

¹CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p.73.

²BLOCH, MARC. **Apologia da História: ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.55.

³THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica histórica. In: _____. **A miséria da teoria ou m planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.48.

“Intervalo: a lógica histórica”. Ou seja, quando escrevemos um trabalho histórico, independente de seu caráter, esse carece de uma aprovação pelos demais artesãos do ofício que se detém nas minúcias de como empreendemos nossa investigação, sendo esta feita através de uma “operação histórica”⁴, de uma “lógica histórica”⁵ ou de um “método indiciário”⁶. Nesse sentido, cabe retornar as contribuições de E. P. Thompson, no que diz respeito à metodologia do campo da história e das particularidades que a constituem. Vejamos:

Sua necessidade de um *tipo* diferente de lógica, adequado aos fenômenos que estão sempre em movimento, que evidenciam – mesmo num único momento – manifestações contraditórias, cujas evidências particulares só podem encontrar definição dentro de contextos particulares, e, ainda cujos termos gerais de análise (isto é as perguntas adequadas a interrogação da evidência) raramente são constantes e, com mais frequência, estão em transição, juntamente com os movimentos do evento histórico: assim como o objeto de investigação se modifica, também se modificam as questões adequadas. Como comentou Sartre: “A história não é ordem. É desordem: uma desordem racional. No momento mesmo que mantém a ordem, isto é, a estrutura, a história já está a caminho de desfazê-la.”⁷

Tendo em vista que devemos sempre lançar nossas interrogações partindo do presente para o passado, muitas vezes as respostas ou faltas delas nos levam para outros caminhos, outras possibilidades de análise para o objeto de estudo, e aí está a riqueza do conhecimento histórico, ele segue em constante transformação, assim acreditamos que seja importante indicar não apenas os resultados da pesquisa, as considerações “finais”, mas também o processo de (re)construção, elaboração, desenvolvimento que levou ao produto final.

Cabe salientar que, quando se iniciou a pesquisa, a proposta era discutir e analisar a questão do engajamento em causas políticas, sociais e culturais, a maneira como muitos artistas e intelectuais dedicaram suas vidas e obras neste intuito, em diferentes temporalidades e lugares, sujeitos que, ao longo do tempo, não mediram esforços em pensar e lutar por outros mundos possíveis, sujeitos que não se calaram diante das imposições, que dedicaram suas vidas em prol de um ideal, em prol da construção de outra sociedade e muitas vezes se engajaram através de seus próprios

⁴CERTEAU, Michel de. Op. cit.

⁵THOMPSON, E. P. Op. cit.

⁶GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____ . **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 143-180.

⁷THOMPSON, E. P. Op. cit., p.48.

ofícios. Este tema sempre nos chamou muito atenção, causando uma espécie de fascínio, e, ao longo de todo o curso, procuramos fazer análises que, de algum modo, passasse por essa questão e, dessa maneira, não poderia ser diferente em nosso trabalho de conclusão de curso.

Ao delimitar como tema de estudo o engajamento intelectual, escolhemos trabalhar com um nome de grande reconhecimento no mundo da literatura e principalmente da poesia na América Latina, e quiçá no mundo contemporâneo, o chileno Pablo Neruda (1904-1973), aos nossos olhos ele se encaixa na descrição conhecida de intelectual engajado ao longo de todo o século XX, homem de partido (Partido Comunista), comprometido com as causas sociais do Chile e de seu povo. Em seus escritos, buscou cantar em versos e prosa a condição de explorados que vivenciava a maioria da população, denunciar os rearranjos políticos, a influência e interferência estrangeira e principalmente o viés autoritário e cerceador das vozes divergentes durante certos governos chilenos, tendo vivenciado a situação de perseguido durante o governo de González Videla.

Contudo, não sabíamos qual perspectiva teórica mais se adequaria à discussão sobre o engajamento intelectual tendo como sujeito histórico de nossa análise Pablo Neruda. Assim, no exercício de orientação da pesquisa, chegamos à conclusão de que uma das possibilidades seria trabalhar com a noção de “intelectual orgânico”, elaborada pelo pensador italiano Antonio Gramsci, em seus escritos que remontam a primeira metade do século XX. Tal pensador, além de ter uma postura marxista diferente da grande maioria, também ficou conhecido pelos seus estudos e reflexões sobre o Estado, a cultura popular italiana e a literatura. Tomamos o termo “intelectual orgânico” na construção de nossa pesquisa, acreditando ser um referencial historiográfico importante para nossa análise.

O artesão, ao talhar sua matéria-prima, vai dando forma minuciosamente a um objeto que talvez tenha determinado valor só para aquele que o produziu, assim, quando o historiador, em seu labor, escolhe construir um objeto de pesquisa partindo de desejos, indagações, inquietações pertencentes às suas experiências, busca compreender e dar sentido, por meio de suas vivências ao longo do tempo, àquilo que tomou para si enquanto material de pesquisa.

Assim, ao construir nosso objeto procuramos juntar duas paixões, a Literatura e a História da América (de forma indireta), levando em consideração “as condições para

que apareça um objeto de discurso, as conduções históricas para que dele se possa ‘dizer alguma coisa’”, assim como o seu “complexo feixe de relações”, como salientado por Michel Foucault, em sua “Arqueologia do Saber”⁸, ou seja, cientes da complexidade do que é tomara literatura como fonte e/ou documento para a pesquisa histórica.

Muitos de nossos pares podem nos questionar sobre a “autenticidade” de tal empreendimento ou sobre a importância de tomar um caminho já proposto por tantos outros trabalhos, no entanto, vivenciamos um momento historiográfico que nos permite construir o conhecimento histórico a partir de múltiplas possibilidades, em que as linguagens e artes, em geral, podem nos evidenciar registros de uma época, como qualquer outro material considerado fonte e documento.

Mesmo sabendo que o diálogo com as linguagens seja comum, tendo se tornado uma espécie de moda historiográfica, consideramos ainda importante e relevante tal proposta, pois elas (as linguagens) trazem subjacentes, vestígios e evidências dos processos históricos em que foram construídas. Marcos Silva e Jorge Nóvoa em “Temas da história cultural”, obra que é permeada, em todos os seus capítulos, por essa discussão realizada por diferentes autores, analisam obras cinematográficas e apontam que qualquer obra de arte porta em si as marcas de seu tempo:

Cada obra de arte é um fazer social, existe no tempo histórico, documenta seu próprio fazer e também os estados de ser da sociedade onde ela começou a existir e passou a circular. Tudo que os seres humanos fizeram, fazem ou farão pode ser considerado documento para a pesquisa histórica, sem qualquer demérito para sua existência – ser documento para o historiador não é perder a identidade social de origem. [...] Uma obra de arte não deixa de ser obra de arte quando tratada como documento histórico. Nem a ciência nem a arte, perde nada, quando assim procede.⁹

Tendo em vista a finalidade de fazer esse exercício interdisciplinar entre História e Literatura, para além de propor metodologias adequadas a esta especificidade, talvez seja necessário nos remetermos a “velhos” dilemas suscitados no campo da História, ainda mal compreendidos e temidos por alguns historiadores. Dentro desta seara de questões, o que se torna mais evidente é a discussão sobre a maneira de narrar, ou seja, de escrever a história que está ligada à veracidade do que é escrito. Contudo, voltemos para o debate acerca das possibilidades do diálogo proposto sem perder de vista as

⁸FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 51.

⁹SILVA, Marcos; NÓVOA, Jorge. O problema do belo em *Morte em Veneza* e *Blow-ups* tensões, conflitos e contradições no real que a estética reconstrói. In: COSTA, Cléria Botelho; PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (orgs.). **Temas de história cultural**. São Paulo: Hucitec, 2012, 184.

especificidades de ambos os campos, com a finalidade de buscar o maior número possível de evidências sobre as complexas e distintas relações sociais, atentando para o fato de que:

Houve no século XX um reconhecimento categórico de que a linguagem está no centro de toda atividade humana. Sabe-se hoje que, sendo produzida pelo complexo jogo das relações que os homens estabelecem entre si e com a realidade, ela passou também a ser, a partir do próprio momento de sua constituição, um elemento modelador desse mesmo conjunto de relações.¹⁰

A linguagem tem a possibilidade de evidenciar o “conjunto de relações” que compõe distintos grupos sociais, e a sociedade como um todo, como nos mostra o historiador Nicolau Sevcenko autor de uma das primeiras obras na historiografia brasileira a trazer, como *locus* de sua discussão, dois grandes literatos brasileiros para analisar as tensões e as transformações propulsadas pela Primeira República. Ao tomar como fonte de análise a produção de Lima Barreto e Euclides da Cunha, Sevcenko nos relata sobre a dificuldade e as críticas de empreender uma pesquisa desse caráter. *Literatura como missão*, que teve várias edições desde sua primeira publicação na década de 1980, nos leva a refletir sobre o trabalho com a literatura enquanto fonte e documento, ressaltando que trata-se de outro campo do conhecimento, tomando a obra de forma inspirativa e, porque não, modelar para nossa análise, como, então, considerar obras literárias enquanto fonte?

Leandro José Nunes, na maioria de suas pesquisas, busca tomar a literatura enquanto fonte, além de refletir sobre o seu uso. Deste modo, num dos números da revista “História e Perspectivas”, levanta algumas questões pontuais e essenciais sobre o diálogo entre História e Literatura, que dá o nome ao dossiê e que perpassa os vários artigos que o compõem na referenciada revista. Na apresentação, Nunes, dentre muitas coisas importantes, aponta que nem sempre a história e a literatura foram separadas e distintas, sendo essa separação e distanciação fruto da especialização e institucionalização das disciplinas no século XIX, tornando-se dois campos distintos do conhecimento:

A separação não eliminou as características comuns, já que ambas compartilham a pretensão de “dizer o mundo”, de expressar, relatar, interpretar, e conhecer as experiências humanas, em suas múltiplas versões, cada qual com suas linguagens, métodos, e pressupostos

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação na Primeira República. 2ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.27.

específicos. É neste solo comum – as experiências do homem fazendo e vivendo a sua história - que a História e Literatura vão buscar suas referências e nele se integrarem, tornando-se parte da própria compreensão que o homem elabora sobre suas experiências.¹¹

Sendoa história e a literatura conhecimentos distintos, pautados por estatutos diferentes, como trabalhar com o estatuto literário, tendo o “solo comum – as experiências do homem fazendo e vivendo a sua história”, de que forma este deve ser apresentado na análise histórica?

Com base em alguns trabalhos que se pautam nessa abordagem, mesmo sabendo que há inúmeros estudos e diálogos o que se constata é que, de certo modo, permanece a necessidade de tomar ou retomar às reflexões de Aristóteles, em “A Poética”, sobre a distinção do que é narrado e escrito na história e na poesia criando uma hierarquia, em que a primeira volta sua análise para o particular, tendo o compromisso com a verossimilhança e a verdade, portanto sendo considerada inferior por não alçar o universal, e a segunda, por sua vez, abarca o universal, utilizando-se da criação, da ficção em sua narrativa, pois tratasse do campo no qual se cria e alimenta os sonhos, sendo estes aspectos nem sempre considerados pelos historiadores, como nos mostra Maria do Rosário Peixoto:

Foi necessário um longo percurso para que a História incorporasse à sua investigação não só o acontecido, mas também os sonhos não realizados dos dissidentes e insurgentes e, portanto, o desejo de utopias.¹²

Acompanhando as reflexões de Peixoto, conhecida por suas pesquisas sobre literatura infantil e história, cabe destacar que, a partir da década de 1960, o campo da história vivenciou sua “crise dos paradigmas” e, em meio a este processo, surgiram novas propostas e discussões, o estruturalismo, muito empreendido pelo campo da linguística e da semiologia, suscitou vários debates em que buscou-se evidenciar outras possibilidades até mesmo na forma de apreender o conhecimento histórico e de produzi-lo, a escrita da história também ganhou outra visibilidade, tendo vários estudos se debruçado sobre a própria escrita da história, questões que se entrecruzam e que estão

¹¹ NUNES, Leandro José (org.). Apresentação do dossiê – História e Literatura. **História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, n° 45, Jul./Dez., 2011.

¹² PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Saberes e sabores ou conversas sobre história e literatura. In: Dossiê – História e Literatura. **História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, n° 45, Jul./Dez., 2011, p. 17.

de certo interligadas com o debate sobre História e Literatura, como demonstra mais uma vez Maria do Rosário Peixoto:

A reflexão se produz em duas direções que, às vezes, correm separadas e, às vezes se tocam. Um dos focos desse debate é a natureza da narrativa histórica. Alguns autores, tanto historiadores como críticos literários, chamam a atenção para os processos de criação de significados e de efeitos de verdade nas várias modalidades discursivas, inclusive no discurso historiográfico. A segunda vertente toma a literatura como uma fonte de aprendizado e de inspiração, não só na elaboração de sua escrita, como na condução da própria investigação, isto é, toma-a como objeto e fonte documental.¹³

Tomando para nossa pesquisa a produção literária de Pablo Neruda, resolvemos fazer algumas delimitações, desta maneira, escolhemos analisar mais detidamente a sua obra “Para nascer nasci”, considerando a literatura um conhecimento cunhado acerca e dentro da sociedade, uma linguagem que porta e evidência uma cultura, portanto sendo uma fonte que construímos para nosso estudo, acreditando que a literatura, qualquer que seja ela, carrega os registros de uma época, trazendo vestígios das questões do tempo histórico em que foi produzida, dos acontecimentos, das produções e vivências humanas, o que deve ser explorado em nossa “operação historiográfica”, com nossa “lógica histórica”. Como observa Sevcenko, a literatura tem muito a contribuir e a dizer à História:

A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos. Mas será que toda a realidade da história se resume aos fatos e ao seu sucesso? Felizmente, um filósofo bastante audacioso nos redimiu dessa compreensão tão estreita, condenando “o poder da história”, que, praticamente, se transforma, a todo instante, numa admiração nua do êxito que leva à idolatria dos fatos.¹⁴

Nossa preocupação é fazer emergir, na pesquisa, e através dela, o engajamento, a militância de Neruda, a partir de seus escritos, através das sutilezas, do que há de mais sensível em sua escrita, portanto, faz-se necessário apontar, em nosso discurso, qual a sua relação com seu próprio tempo, quais as questões sociais (temas) que toma como luta, o lugar de onde fala e para quem fala. Tendo em vista que também falamos de outro lugar, em outro tempo, composto por outras questões, tem-se desenvolvido uma

¹³ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Op. cit., p. 19.

¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., p.30.

metodologia que busque dar conta da complexidade e da especificidade do campo literário. Desta maneira, procuramos, em nossa análise, aprender um pouco mais com esse instigante mundo da literatura, sem perder de vista os cuidados metodológicos, como nos lembra Maria do Rosário da Cunha Peixoto:

Aprender com a literatura é assumir sua capacidade de abrigar o diferente, de colocar em diálogo vozes e perspectivas opostas, de rir das perspectivas dominantes, domesticadoras, reducionistas e abrir para o leitor horizontes múltiplos, **referenciais com os quais possa refletir sobre o mundo e sobre o seu próprio lugar nele.**(Grifo nosso)

Trapaceando com as palavras, a literatura – sábia e saborosa – nos abre as portas do mundo das utopias. E nos permite todos os sonhos: este é seu segredo.¹⁵

O texto a seguir se organiza em dois capítulos. O primeiro capítulo é destinado a discussões acerca da vida e obra de Pablo Neruda, uma biografia básica sobre o poeta, que, de certa forma, nos mostra como sua vida e sua obra são intrínsecas, e também uma reflexão acerca do papel que Neruda ocupa na memória e na história do Chile principalmente nos seus últimos anos de vida, sua atuação na Unidade Popular e seu desfecho com o golpe militar, e também uma pequena reflexão sobre as ditaduras no cone sul.

Já no segundo capítulo, nos detemos na obra escolhida e fazemos uma análise que busca evidenciar o engajamento político, social, cultural de Neruda ao longo de sua produção intelectual, assim como nas atuações políticas dentro e fora do Chile, e em que medida Pablo Neruda, em sua época (contexto histórico), pode ser tomado como um “intelectual orgânico”, no sentido formulado por Antonio Gramsci.

¹⁵ PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Op. cit., p. 32-33.

CAPÍTULO I:

PABLO NERUDA, POETA CHILENO, SUJEITO DE SEU TEMPO

Estas memórias ou lembranças são intermitentes
e, por momentos me escapam porque a vida
é exatamente assim. A intermitência do sonho nos permite
suportar os dias de trabalho.

Muitas de minhas lembranças se toldaram ao evocá-las,
viraram pó como um cristal irremediavelmente ferido.

As memórias do memorialista não são as memórias
do poeta. Aquele viveu talvez menos, porém fotografou
muito mais e nos diverte com a perfeição dos detalhes;
este nos entrega uma galeria de fantasmas sacudidos
pelo fogo e a sombra de sua época.

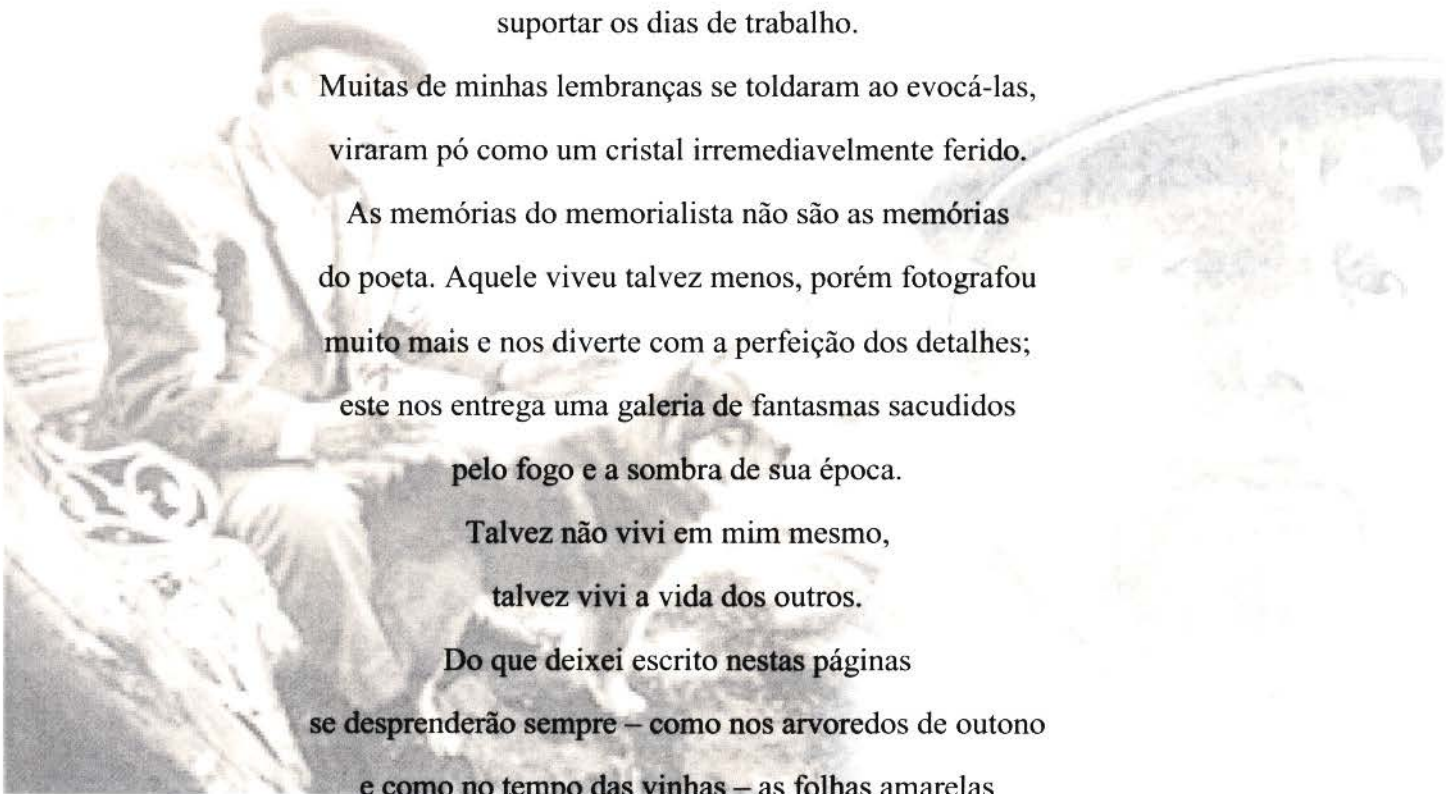
Talvez não vivi em mim mesmo,
talvez vivi a vida dos outros.

Do que deixei escrito nestas páginas
se desprenderão sempre – como nos arvoredos de outono
e como no tempo das vinhas – as folhas amarelas

que vão morrer e as uvas que reviverão no vinho sagrado.

Minha vida é uma vida feita de todas as vidas:
as vidas do poeta.

Confesso que vivi/ Pablo Neruda.



1.1.As ditaduras no conesul

Gran parte de los países latinoamericanos, en los últimos treinta años del siglo XX, generalizaron la tortura y la desaparición forzada de personas, dejando un amplio legado de violaciones a los derechos humanos, pero también de políticas de amnistía que, sin embargo, no logran detener una memoria que año con año se fortalece con testimonios y procesos judiciales inconclusos. Este fenómeno, en un principio, se identificó con una imagen de barbarie e irracionalidad, pero al pasar los años y reconstruirse la represión, todo señala que fue una operación racional de eliminación de personas que, en cierto sentido, puede considerarse como la llegada tardía a la región latinoamericana de un tipo de modernización y emulación de la sociedad occidental, consistente en el terror administrado racionalmente por el Estado.¹

As palavras de Guillermo Guajardo servem de ponto inicial para nossa reflexão, nos ajudam a pensar o impacto das ditaduras militares em diversos países da América Latina, como Peru, Uruguai, Argentina, Brasil e Chile, dentre outros, nos anos de 1960 em diante. Após 50 anos do golpe militar brasileiro e 40 anos do golpe chileno, o que dizer desses acontecimentos, fatos históricos, uma vez que as dores, os traumas e as feridas ainda não se cicatrizaram, não foram tratados? Maria Rita Kehl², psicanalista brasileira, sobre este processo histórico no Brasil, indica que ele se tornou um “mal-estar”, pois a anistia não o resolveu, não conseguiu acertar as contas com o passado, tendo em vista que o que ocorreu foi uma tentativa de esquecimento, de um perdão, objetivo que não se concretizou. Mas como poderia tê-lo feito? Ainda vemos impunemente todos os responsáveis pelas ações violentas daquele “dia que não teve fim”. As famílias de desaparecidos políticos, assim como aqueles que sofreram as sanções e que esperam a justiça, desenvolveram o que se chama “ressentimento”, um tipo de relação que a sociedade passou a estabelecer com os poderes, os quais deveriam “representar e defender” a todos.

Esse esquecimento (“ese olvido”) é implantado nestas sociedades como uma tentativa de apagar a tortura e suas milhares de vítimas, buscando naturalizar a violência, o que Kehl aponta como um “sintoma social no Brasil”, contudo, consideramos que esse sintoma se estende aos demais países que passaram por ditaduras, mesmo que a anistia tenha se

¹GUAJARDO, Guillermo. CHILE: desaparición y olvido como política de Estado. **Fondo Aleph**. Biblioteca virtual de ciencias sociales, vol. II, nº. 5, 2001, p.25.

²KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (orgs.). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010, p.123-132.

concretizado de diferentes maneiras. Pode-se notar que, no Chile, as discussões ficaram entre o que é a verdade e a justiça, sendo preferível esquecer a verdade e não fazer a justiça em nome do “bem estar” do povo, do qual outrora se esqueceram os militares.

A tortura, durante décadas, passou ser parte intrínseca da política dos governos militares. Estes se mantiveram através do controle e do cerceamento das vozes divergentes, no entanto, não se tratava de uma repressão às massas populares, mas a indivíduos e grupos que, aos olhos ditatoriais, possuíam ideias e posturas políticas perigosas, principalmente aquelas ligadas ao comunismo. Além disso, os responsáveis por tal violência tiveram apoio de forças estrangeiras: a CIA enviou homens de sua corporação para treinar as forças armadas de diversos países, sendo que entre os próprios estados latino-americanos houve trocas de informações e de “experiências” sobre os modos mais eficazes da tortura, se instalando um verdadeiro “aparato de terror” que já tinha o perfil de suas vítimas como nos fala Naomi Klein:

A maioria das vítimas dos aparatos de terror do Cone Sul não pertencia a grupos armados, mas fazia parte de movimentos ativistas não-violentos e trabalhava em fábricas, fazendas, favelas e universidades. Eram economistas, artistas, psicólogos e cidadãos filiados a partidos de esquerda. Não foram mortos por causa de suas (que muitos nem possuíam), mas por causa de suas crenças. No Cone Sul, onde o capitalismo contemporâneo nasceu, a “Guerra ao Terror” era uma guerra contra todos os obstáculos à nova ordem.³

Mas o que seria essa “nova ordem”? Tomando a experiência ditatorial chilena que, durou por 17 anos (1973-1990), vemos ser adotada uma política que pautou apenas pelas questões econômicas, o país se afundou em uma profunda crise, marcada por altas taxas de inflação, índices gigantescos de desemprego, sem falar da fome que milhares de pessoas passaram, devido aos cortes nos benefícios sociais.

O então chefe do estado chileno fez de sua pátria o laboratório para as experimentações do economista Milton Friedman e seus alunos, que ficaram conhecidos por “garotos de Chicago”. A proposta era a construção de uma política econômica contra a teoria do bem estar social, defendendo a não intervenção do Estado na economia e eliminando, através de cortes, qualquer benefício social, como educação, saúde, segurança, aos quais deveriam e foram privatizadas, assim como qualquer banco e/ou riquezas naturais, como o cobre, o salitre e o carvão.

³KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.118.

Durante anos, foram cortados mais e mais gastos públicos com o objetivo de se fazer o “milagre econômico”. Abrindo o mercado para as grandes multinacionais, os pequenos e médios empresários foram à falência, pois os produtos importados eram mais baratos que os nacionais, além disso, os produtos não eram suficientes frente à demanda, o que acarretou como nos aponta Naomi Klein, uma grande inflação, vista apenas durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, não foram apenas as inflações que fizeram com que nos remetêssemos à Segunda Guerra Mundial, mas também as práticas de torturas que foram executadas durante este processo histórico. No Chile, vimos a criação de diversos campos de concentração, milhares de pessoas foram executadas e seus corpos eliminados de diversas maneiras, às vezes feitas como na Alemanha, em valas. Mas esta era a combinação que deu vida ao “estado de choque”, com efeitos incalculáveis, como podemos ver através destes dados:

Embora a batalha tivesse um lado só, seus efeitos foram tão danosos quanto os de uma guerra civil ou invasão estrangeira ao todo, mais de 3.200 pessoas desapareceram ou foram executadas, pelo menos oitenta mil foram aprisionadas e duzentas mil deixaram o país por razões políticas.⁴

Na verdade, o que aconteceu foi a destruição de tudo que o governo da Unidade Popular, liderado por Salvador Allende, conseguiu fazer durante seu mandato, como as melhorias na educação, saúde, moradia, a reforma agrária, a nacionalização das empresas responsáveis pela exploração das riquezas naturais como cobre, salitre e carvão. Este processo político implantado pela Unidade Popular deixou as grandes multinacionais norte-americanas enfurecidas e estas, em contrapartida, passaram a contribuir com a construção do golpe e outras ações que dificultava, a política de Allende, como o não fornecimento de alimentos, as paralizações dos meios de transporte, dentre outros. Estes não foram capazes de compreender ou compreendiam muito bem a riqueza das propostas de Allende, como descreve Patricio Rivas:

La riqueza de la propuesta política que sintetiza Salvador Allende a lo largo de su vida, fluye de una radical determinación por hacer coincidir el país que se sugería en los textos oficiales e institucionales, con el país social. El país de los sin tierra, de los sin casa, de los estudiantes pobres, de los obreros sin derecho a sindicalización, de los artistas e intelectuales marginados. En definitiva de los hombres y mujeres que nacían en la exclusión y morían en la pobreza después de haber trabajado de modo extenuante durante toda su vida.⁵

⁴Idem, p.97.

⁵RIVAS, Patricio. El Allendismo y la ruptura de la República simulada. **ENCUENTRO XXI**. Santiago, Primavera de 1998, año 4, N° 13, p.82.

Outro dado importante sobre o governo da Unidade Popular foi a própria capacidade de ter se organizado para chegar a tal, conseguindo superar as diferenças entre os partidos de esquerda, os quais se uniram para apoiar Allende. No entanto, havia divergências quanto à forma com que o processo deveria se desenrolar. Há que se ponderar que o ideal de muitos era fazer uma revolução social em que o povo realmente tomasse o poder, pois a Unidade Popular conseguiu alcançar o governo, mas não os poderes Legislativo e Executivo. De um lado, havia esses radicais que defendiam uma ruptura, defendendo que os trabalhadores organizassem uma luta armada, e, do outro lado, os que repudiavam a ideia de um embate físico, acreditando ser possível, de forma gradual, realizar mudanças sem derramamento de sangue. Mas enquanto se tentava o realizável das reformas, outra trama muito bem tecida se fortalecia, e o que era para ser uma revolução, tornou-se uma contrarrevolução.

Destarte, nos voltemos para o primeiro episódio que desencadeou esse longo e doloroso capítulo da história chilena, o inesquecível 11 de Setembro de 1973, em que o general Augusto Pinochet, chefe das forças armadas, levou a cabo o golpe militar que também ficou conhecido por “contra-revolução”. Sei que nossas palavras não teriam capacidades suficientes para definir os acontecimentos deste dia, talvez uma opção e uma sugestão para o leitor seja assistir ao filme *Chove sobre Santiago*⁶, o qual nos ajuda a constituir uma ideia de como o golpe foi gestado. As articulações para boicotar e dificultar as ações propostas pelo governo de Salvador Allende, o episódio do dia 11, as tropas tomando conta das ruas de Santiago com tanques, os quais, por 24 horas, bombardearam o palácio presidencial “La Moneda” e de lá podemos assistir os possíveis passos do então presidente resistindo fielmente, em nome de seu povo, de sua pátria e de todas as propostas de criação de uma nova sociedade iniciada em seus três anos de mandato. Suas últimas palavras, pronunciadas através de uma emissora de rádio, ajudam a perceber essa iniciativa:

Ante estos hechos sólo me cabe decir a los trabajadores: yo no voy a renunciar. Colocado en un tránsito histórico pagar, con vida la lealdad del pueblo y les digo que tengo la certeza de que la semilla que entregáramos a la conciencia digna de miles y miles de chilenos no podrá ser sagada definitivamente.⁷

⁶ SOTO, Helvio. **Chove sobre Santiago**. França/Bulgária: 1975, 110 min. Outras indicações cinematográficas são os filmes : **Desaparecido - Um grande mistério**. Diretor: Costa-Gavras (1982) e **Machuca**. Diretor: Andrés Wood (2004).

⁷ ALLENDE, Salvador. “Yo estoy aquí, en La Moneda.” “Es posible que nos aplasten”. “Pagaré con mi vida”. Alocuciones radiales del Presidente, en 11 de septiembre de 1973.

O fato é que Allende resistiu fielmente, pagando com sua própria vida, seu corpo foi encontrado em uma das escadas do palácio presidencial, nunca se soube ao certo se ele teria se suicidado, como nos dá entender o filme ou se foi executado pelos soldados. No entanto, não foi apenas a morte do presidente que ficou inconclusa, o cantor popular, poeta e professor Víctor Jara, conhecido por suas músicas de protesto, teve seu corpo atirado ao mato, depois de ser assinado com dezenas de tiros no estádio do Chile. Passados 40 anos deste triste acontecimento, seus familiares descobriram o responsável de sua morte nos E.U.A e esperam que a “justiça seja feita”, mostrando, de certa forma, que a tortura e as execuções travadas pelos militares não foram sobre a “massa popular”, mas sobre aqueles que, de algum modo, estavam ligados à Unidade Popular e ao governo allendista.

1.2. Chile e Neruda

Essas considerações iniciais sobre as ditaduras no cone sul, em particular no Chile, são para lembrar a situação que vivia aquele país nos últimos dias de vida do poeta Pablo Neruda⁸ (12/07/1904, Parral – 23/09/1973, Santiago). Foi um de seus últimos combates, pois ele mesmo seria um candidato do partido comunista às eleições, em 1970 e abdicou, em favor de Allende. Aquele governo significaria, para Neruda, a possibilidade de concretização de muitos sonhos para o povo chileno. Sua morte e seu féretro, poucos dias após o golpe, foi também uma das últimas ocasiões em que houve manifestações públicas, até o fim da era Pinochet, o que também é um momento significativo no filme de Hélvio Sotelo, *Chove sobre Santiago*, já mencionado.

Pablo Neruda (o “sujeito”/objeto histórico de nossa pesquisa), reconhecido não só por seus versos mundialmente, mas também por suas atuações no campo político/ social, suspeitamente faleceu dias após a morte de seu amigo Allende, em 23 de setembro de 1973, num dos hospitais de Santiago. Calou-se a voz que cantava o Chile, como nos reporta José Miguel Ibáñez:

⁸Ricardo Neftalí Reyes Basoalto nasceu na cidade chilena de Parral em 12 de julho de 1904 perdendo a mãe logo em seu nascimento, mudou-se com pai (e também com a nova esposa, quem considerou como sua mãe) que era ferroviário para Temuco, ali passou sua infância encantado pela fauna e a flora daquele lugar, o que anos depois levou o poeta a colecionar raridades como sua coleção de caracóis. Estas paisagens que muitas vezes se colocava como elemento desafiador, essa geografia do Chile com suas isolantes e solitárias cordilheiras foram temas de seus versos apaixonantes.

Com a morte de Neruda apaga-se a voz mais rouca, telúrica e poderosa da poesia do século XX: uma das poucas que sobrevivia daquela geração universal de grandes poetas nascidos no limiar do século, que se iniciaram nas vanguardas dos anos dez e vinte e escreveram sua obra maior nessa idade dourada da lírica, que foi o tempo entre as duas guerras mundiais. Único em muitos aspectos, americano e chileno até a entranha de seu ser e de sua voz, torrencial como uma força da natureza, Neruda escreveu “os versos mais tristes” e também os mais jubilosos, apaixonados, leves, herméticos, transparentes, íntimos, épicos, meditativos, ao longa de uma obra poética inumerável, que ele, à maneira de Victor Hugo, entendeu como “trabalho e quantidade”.⁹

Como falar da dolorosa perda de um dos maiores poetas contemporâneos? Sua morte ficou inicialmente explicada devido ao agravamento de um câncer. E, juntamente com os últimos acontecimentos ocorridos em setembro de 1973, a morte de Neruda causou uma enorme comoção no povo chileno. Seu corpo foi enterrado, seguido de um funeral¹⁰ com milhares de pessoas, enquanto sua casa era saqueada e depredada.

Contudo, aqueles mais próximos passaram a desconfiar dessa morte repentina, principalmente depois que seu motorista comentou que o poeta havia tomado uma medicação que piorou seu estado de saúde, levando-o a morte, pois, apesar de Neruda ter ficado com a saúde fragilizada, ainda escreveu algumas considerações (na verdade, são as últimas palavras escritas por ele ficando inacabado *Confesso que vivi*) sobre os ocorridos que se iniciaram no dia 11 de setembro, em seu livro de memórias:

Escrevo estas rápidas linhas para minhas memórias decorridos apenas três dias desde os fatos inqualificáveis que levaram à morte meu grande companheiro, o presidente Allende. Seu assassinato foi mantido em silêncio, foi enterrado secretamente, permitiram somente à sua viúva acompanhar o imortal cadáver.¹¹

Anos se passaram e as dúvidas acerca da morte de Neruda ainda pairam. Em 2012, os seus restos mortais foram exumados, o advogado representante do Partido Comunista Chileno entrou a pedido do mesmo na justiça solicitando que fossem revistas as causas que levaram ao

⁹LANGLOIS, José Miguel Ibáñez. **Rilke, Pound, Neruda: três Mestres da poesia contemporânea**. São Paulo: Nerman, 1988, p.117.

¹⁰ O que podemos ver através de algumas fotografias da época, a primeira indicação é de uma reportagem com fotos de um repórter que cobriu a morte de Pablo Neruda: <http://jornalggn.com.br/blog/fotografo-brasileiro-cobriu-secretamente-morte-de-neruda>.

Outra referência é uma fotografia pertencente ao acervo pessoal da última esposa de Neruda, Matilde Urrutia e que se encontra nos arquivos e no site da Fundação Pablo Neruda: <http://www.fundacionneruda.org/es/archivo-fotografico-2>. (foto 5 da seção 61-70).

¹¹ NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. Tradução de Olga Savary. 30ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.399.

falecimento do poeta e, em julho de 2013, o juiz responsável pelo caso requereu que novos exames fossem feitos. Assim, foram enviadas mostras (dos restos mortais) para centros especializados nos E.U.A e na Espanha, para detectar se há sinais de alguma substância que possa comprovar a suspeita de envenenamento. Agora, esperemos os resultados que podem conferir novos rumos à história da ditadura chilena.

Qual teria sido o envolvimento de Pablo Neruda com a Unidade Popular e o governo de Salvador Allende, sua trajetória política capaz de suscitar aos olhos do regime ditatorial “um problema” a ser eliminado? Nos primeiros meses de 1973 Neruda retorna definitivamente para o Chile, após ter trabalhado enquanto embaixador em Paris a pedido do governo da Unidade Popular, o qual renunciará. Suas atividades na embaixada foram intensas, queria mudar aquele lugar, o qual, por longos anos, lhe perseguiu e, acima de tudo, deveria contribuir nas transformações de seu país, como nos conta:

Tinha sido feito uma revolução no Chile, uma revolução à la chilena, muito analisada e discutida. Os inimigos de dentro e de fora afiavam os dentes para destruí-la. Por cento e oitenta anos se sucederam em meu país os mesmos governantes com diferentes rótulos. Todos fizeram o mesmo. Continuaram os farrapos, as moradias indignas, as crianças sem escolas nem sapatos, as prisões e as bordoadas contra meu pobre povo.¹²

Orgulhoso dos caminhos que sua pátria estava tomando, expressou ao seu povo o prestígio que ela havia obtido no cenário internacional com a campanha de nacionalização do cobre, tendo apoiado países como França nessa iniciativa de libertação e autonomia. Voltar a seu país depois de algum tempo longe foi reconfortante, mas este retorno trouxe muitas preocupações. Notava que os muros das cidades estavam cobertos de mensagens atacando os comunistas, dentre outros, indícios perigosos pairavam no ar, o clima parecia ter se modificado em relação ao primeiro ano de governo e da campanha de Allende.

Neruda acompanhou de perto a candidatura de Salvador Allende e, mais vez (já que era a sexta vez que se candidatava seguidamente), lhe ajudou na campanha, como comenta em seu texto “discurso da intimidade”¹³, fazendo vários discursos por todos os cantos do Chile, tentando demonstrar a importância e o significado, para o país as propostas da Unidade Popular. Outra questão ressaltada é a grande alegria com que os escritores e artistas receberam a notícia do candidato à presidência, foi como “chamar a esperança”. Pela primeira vez, estes

¹²Idem, p.389.

¹³NERUDA, Pablo. Caderno 6: Luta pela justiça. In: _____. **Para nascer nasci**. Tradução de Rolando Roque da Silva. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 347-350.

teriam um amigo nesse posto, pois os outros governos nunca se importaram com a opinião ou com a contribuição que os intelectuais chilenos poderiam dar, assim esperavam esse “novo” (governo), do qual poderiam falar e ouvir, participar de maneira mais ativa.

Os intelectuais chilenos tinham consciência da importância da participação política e da função do partido político, não foi por acaso que tantos artistas, escritores, professores, estudantes se filiaram ao Partido Comunista por todas as partes do mundo. Em relação ao papel do partido político e ao papel dos intelectuais cabe retornar a assertiva do pensador italiano Antonio Gramsci, o qual afirma:

O partido político, para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que representa na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de um modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política, ou seja, proporciona a fusão entre os intelectuais orgânicos de um dado grupo – o grupo dominante - e os intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente em dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes, elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como “econômico”, **até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política.**¹⁴(Grifo nosso)

Ainda no texto “discurso da intimidade”, Neruda relembra das centenas de trabalhadores que visitou com Allende. Estes viviam em condições delicadas, sofrendo com todo tipo de dificuldade. O Chile, assim como muitos outros países da América Latina, era marcado pela enorme desigualdade social, mas estava na hora de travar a batalha, antes de qualquer coisa, com o passado que esteve repleto de “ignorância, atraso, abandono”, tendo como luta incansável, ao longo da história, o “glorioso combate da Araucania” e mais vez reporta para a vida sofrida de seu povo e também sobre que achava primordial para modificar:

Primeiro: basta de analfabetos! Não queremos continuar a ser escritores de um povo que não sabe ler. Não queremos sentir a vergonha, a ignomínia de um passado estático e leproso. Queremos mais escolas, mais mestres, mais jornais, mais livros, mais revistas, mais cultura.¹⁵

Em 1970, esperava-se as indicações dos candidatos dos partidos de esquerda para que se tentasse ter um único candidato que representaria a Unidade Popular, assim, procuraram Neruda já em sua casa em Isla Negra, pedindo que ele fosse o então candidato do Partido Comunista e, desde aquela visita, passou a ser solicitado e recebia o carinho da população

¹⁴ GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. In: _____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.14.

¹⁵NERUDA, Pablo. Op. Cit., p.349.

chilena por onde passava, falava de baixo de chuva e sol, recitava seus poemas, e milhares de pessoas iam a seu encontro nos comícios e, num destes, depois de ter recebido a notícia de que Allende seria o candidato que representaria a Unidade Popular com o apoio de todos os partidos de esquerda, o poeta renuncia sua candidatura e lança aquele que seria o então presidente, meses depois.

Ao fazer essa explanação inicial sobre a vida política do Chile, nossa preocupação foi tornar evidentes algumas das questões de época que incitaram Neruda a aliar poesia á política, relação que esteve presente ao longo de boa parte de sua produção literária. Assim, gostaríamos de verificar quais as lutas vividas pelo autor dentro e fora da sua “terra austral”, na América e no mundo, e que ganharam vida em suas poesias e inúmeros livros traduzidos em diferentes idiomas. Nosso objetivo, em nossa escrita, é compreender as distintas realidades vividas pelo jovem tímido chileno, ao reconhecido poeta do Prêmio Nobel de 1971, analisando-o enquanto homem de seu tempo, comprometido com as questões de sua época.

Destacamos que nossa finalidade não é fazer um estudo biográfico, nem mesmo empreender uma análise que se pautar por questões estéticas da escrita de Neruda, e, sim, buscar captar alguns de seus temas e a forma como estes são apresentados em sua escrita, a fim de ressaltar as dores, sofrimentos, vivenciados por distintos sujeitos sociais e em diferentes situações e lugares.

A maioria dos estudos sobre a poética de Neruda busca classificar sua produção em diferentes fases e, muitas vezes, embasam-se em processos históricos vividos por ele ao longo de sua carreira enquanto intelectual, cônsul, diplomata, senador e embaixador, assim consideramos importante adentrar na vida e nas obras do escritor e tecer nossas próprias observações.

Apaixonado por seu ofício de poeta, escreveu sobre diversos temas até seus últimos dias, sobre a política do Chile e de tantos outros países, sobre as injustiças, os problemas e as dores sociais, sobre as paisagens dos análogos lugares que passou em suas viagens, os amores e as mulheres. Deixou em 1973 sua autobiografia/memórias inacabada, *Confesso que vivi*, que foi publicada no ano seguinte, e também ficaram alguns livros de poesias como *El mar y las campanas* (1973), *El corazón amarillo* (1974), *Defectos escogidos* (1974), *El libro de las preguntas* (1974), *Elegia* (1974) e *Jardín de invierno* (1975) e, em 1978, Matilde Urrutia (última esposa de Neruda), juntamente com um editor, reuniu alguns escritos de Neruda publicados ao longo de toda a sua vida e publicou *Para nascer nasci*, obra a qual tomamos como objeto de análise em nosso segundo capítulo.

As décadas de 1960, 1950 e 1940, para Pablo Neruda foram marcadas por uma intensa produção poética engajada, tendo em vista as suas múltiplas experiências políticas, os exílios e os regressos. Durante a década de 1960, viajou para diversos países como URSS e E.U.A, recebeu diversas premiações e homenagens em díspares instituições de ensino, publicou seu famoso livro *Cem sonetos de amor (1960)* que, em parte, fala de seu último grande amor, Matilde Urrutia, com quem se casou logo após sua separação com Délia Carril.

A obra *As uvas e o vento*, de 1952, representa a canção de exílio do poeta, seus versos falam, dentre outras coisas, da União Soviética e de algumas de suas viagens. Em 1950, no México, e em meio a um período conturbado, emerge o maior canto dedicado a América, *Canto Geral*, onde canta as belezas e os sofrimentos do Chile e da nossa América, desde a nossa condição de conquistados com a descoberta do novo mundo. Provavelmente uma das obras mais conhecida e traduzida do autor. Também, neste mesmo ano, recebe o Prêmio Internacional da Paz.

Talvez, o que chame mais atenção em sua poesia, assim como em seus discursos, é a permanente crença em tempos melhores, em que não houvesse sofrimento, exploração, desigualdade. Assim, seu envolvimento político no Chile torna-se cada vez mais intenso, a tal ponto de ter que se esconder e depois se exilar, em 1949, devido às perseguições do governo autoritário de Gonzáles Videla (1946-52). No entanto, sua pena não foi a única arma de luta, na década de 1940, Neruda se filia ao Partido Comunista Chileno e, em 1947 se torna senador, ano também da publicação de uma das maiores obras poéticas contemporânea, *Terceira Residência*, compondo uma trilogia juntamente com *Residência na terra II (1935)* e *Residência na terra I (1933)*.

Significativos foram os anos que viveu na Espanha e presenciou os horrores da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), evidenciados nas páginas de *España en el corazón (1937)*, e que compõe posteriormente uma parte da *Terceira Residência*. Essas experiências causaram um grande impacto em suas obras a posteriori, e na sua própria postura enquanto intelectual, lutando ativamente por uma arte, e a poesia, em especial, que considerasse as questões políticas e sociais, visualizando-se, de certo modo, uma ruptura com a poesia romântica e melancólica de seus primeiros livros publicados na década de 1920, assim como de seus escritos acerca das suas primeiras viagens enquanto cônsul e diplomata, do encontro com o “outro”.

O engajamento poético e político (intrínsecos) de Neruda advém, para a maioria de seus leitores e estudiosos (o que pode ser notado no pequeno levantamento que se encontra

nas fontes),nessa seara de experiências em que também podemos colocar a segunda Guerra Mundial e os estragos que ofascismo e o nazismo causaram por todos os lados.

Em 1923 lançava seu primeiro livro, *Crepusculário*, enquanto cursava francês e pedagogia na Universidade do Chile. Além disso, participava e se interessava pelas questões estudantis. Não menos importante foi o contato com a poetisa Gabriela Mistral, que aguçou o gosto do tímido jovem pela literatura e que,com apenas 13 anos, já publicava seus versos no jornal de um familiar. Neruda nos conta, por meio de suas memórias, que o primeiro poema¹⁶ que escreveu, ainda criança,versava sobre sua mãe (“a madrasta angelical”) e lembra que quando entregou estas “palavras semi-rimadas” para seus pais, seu pai leu e lhe devolveu perguntado de onde havia copiado aquele escrito, o que considerou como sua primeira crítica. Já seu primeiro livro publicado foi inesquecível, como relata:

*Meu primeiro livro! Sempre sustentei que a tarefa do escritor não é misteriosa nem mágica, mas que, pelo menos a do poeta, é uma tarefa pessoal, de benefício público. O que mais se parece com a poesia é um pão ou um prato de cerâmica ou uma madeira delicadamente lavrada, ainda que por mãos rudes. No entanto creio que nenhum artesão pode ter, como o poeta tem, por uma única vez durante a vida, esta sensação embriagadora do primeiro objeto criado por suas mãos, com a desorientação ainda palpitante de seus sonhos. [...] esse minuto é único na vida do poeta.*¹⁷

Realizada esta pequena biografia do poeta, gostaríamos de salientar alguns pontos da trajetória desta figura, que parece ter a vida e a obra como duas coisas inseparáveis, diríamos que eles formam um único ser.

Fazendo um pequeno levantamento bibliográfico acerca de Pablo Neruda e do conjunto de sua obra, algo fundamental e necessário em nossas pesquisas e que nos permite identificar quem são nossos interlocutores e assim dialogar com suas perspectivas sobre o objeto de pesquisa que nos aproxima. Nos deparamos com uma quantidade significativa de estudos, advindos de diferentes campos do conhecimento,referenciando de alguma forma a vida e obra do poeta. Destaca-se que não há como passar despercebido o engajamento do poeta com as questões vigentes em sua sociedade, pois como escreve uma de suas biógrafas Margarita Aguirre:

Pocos hombres viven “empeñados en su deber original” con tan sostenida pasión. Porque Neruda ha sabido conciliar la grandeza de su talento poético com una visión profunda de la sociedad de su época. Es múltiple y variado, y sin embargo siempre el mismo.[...] Pensemos, finalmente, que su poesía es a

¹⁶ NERUDA, Pablo. Op. cit., p.27.

¹⁷ Idem, p.59.

veces oscura y otras simple, pero no pierden nunca su verdad, sus raíces humanas y perdurables.¹⁸

O engajamento se apresenta como elemento comum a qualquer reflexão sobre Neruda, e é o que nos mais chama a atenção, compõe o eixo central de nossa análise. Tal engajamento é constituído a partir de uma relação complexa entre arte/ política/ sociedade, permitindo-nos “perceber todo um campo de sentimentos e de subjetividades que emergem e que não se revelam facilmente em outras “fontes””¹⁹, como ressalta a historiadora Dilma Andrade de Paula, ao analisar a obra literária *A Besta Humana*, de Émile Zola tendo em vista o impacto causado pela construção ferroviária. Dessa junção acima assinaladavemos resultar uma poética classificada por muitos de seus pesquisadores, leitores e críticos especializados como engajada, mas a quais experiências estariam ligadas?

A maioria dos escritos analisados aponta que o engajamento passa a fazer parte da poética de Neruda a partir de suas experiências enquanto diplomata na Espanha, onde, já comentamos, presenciou a crueldade e brutalidade da Guerra Civil Espanhola (1936-39), que seria uma espécie de marco em sua escrita, juntamente com os outros ocorridos, como ressalta a historiadora Adriana Vidal, analisando a produção poética de Neruda a partir do conceito de “cultura política”:

A fusão do estético com o político, na poesia de Neruda, ocorreu definitivamente nos anos de 1930. O cenário mundial a partir da década de 1930 foi marcado por tensões políticas e ideológicas que, de diversas formas, provocaram mudanças no mundo inteiro: a consolidação de Stalin no poder, a ameaça mundial do fascismo, a Guerra Civil Espanhola, o avanço de Hitler, a afirmação dos Estados Unidos como potência imperialista, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Período assinalado por lutas ideológicas: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo e crise do liberalismo.²⁰

¹⁸ AGUIRRE, Margarita. **Genio y figura de Pablo Neruda**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1967, p. 20-21. Cabe destacar que essa foi uma das primeiras biografias feitas sobre Neruda e também devemos nos atentar para a proximidade da autora com o biografado. Aguirre teria sido secretária de Neruda (e ele lhe conhecia desde criança) por alguns anos, o que, de certo modo, permite ao leitor visualizar as relações mais íntimas do poeta com seus familiares e amigos.

¹⁹ PAULA, Dilma Andrade de. De máquinas e feras: o ambiente ferroviário em *A Besta Humana*, de Émile Zola. In: DUARTE, G.R., FROTSCHER, M., LAVERDI, R. (Org.). **Práticas socioculturais como fazer histórico: abordagens e desafios teórico-metodológicos**. Cascavel-PR: Edunioeste, 2009, p.265.

²⁰ COSTA, Adriane A. Vidal. Pablo Neruda: Um Poeta Engajado. **História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, v.º1, n.º.35, Jul./Dez., 2006, p.135.

O próprio Neruda assinala, na escrita de suas memórias, que, de certa forma, os acontecimentos na Espanha durante, a década de 1930 contribuíram para a postura militante, a se tornar um “comunista”, como podemos ver nessas palavras:

Embora eu tenha me tornado militante muito mais tarde no Chile, quando ingressei oficialmente no partido, creio ter me definido como um comunista diante de mim mesmo durante a guerra da Espanha. Muitas coisas contribuíram para a minha profunda convicção.²¹

Para além da escrita de Neruda, podemos perceber que o engajamento era uma postura que fez parte da vida do poeta desde que se propôs a viver sob tal condição, pois, logo em sua tenra juventude, Ricardo Neftalí Reyes Basoalto frente à recusa do pai em relação à carreira de poeta acaba adotando definitivamente, em 1920, o pseudônimo de Pablo Neruda em suas publicações, o engajamento tão ressaltado a partir da década de 30 parece acompanhá-lo mesmo quando era conhecido como um “jovem revoltoso”, envolvido nos movimentos estudantis no Chile.

Já o engajamento político aparece principalmente como um compromisso que deveria se estender à sua poesia, pois a literatura também teria sua função social, fruto de inúmeras experiências inerentes à própria constituição do Chile enquanto nação, à luz do seu passado de exploração e de sangue derramado pelos bosques, mares e cordilheiras, assim como por toda a América, tantas vezes temas de suas elegias, sendo a maior delas uma das suas obras conhecidas e premiadas *Canto General* (1950). Entretanto, as experiências vividas no governo ditatorial de González Videla, os avanços do totalitarismo, do fascismo, o impacto da Guerra Civil Espanhola, a consolidação da URSS, em que o socialismo se apresentava como uma alternativa muito próxima de ser alcançada, o que o levou a se preocupar e a se ocupar das questões políticas cada vez mais.

Uma paixão especial de Neruda merece destaque, a paixão pela Rússia (“para mim não só a magnífica capital do socialismo, a sede de tantos sonhos realizados, mas também a morada de alguns de meus amigos mais queridos. Moscou, para mim é uma festa”²²). Desde sua infância, apresentou um grande fascínio que foi sendo aguçado pelas leituras das novelas russas sugeridas pela poetisa Gabriela Mistral, o que também se torna evidente em sua poesia, quando referencia, inúmeras vezes, o poeta russo Vladimir Maiakóvski, que, já na década de 1920, também aventurou-se por uma poesia que ousava para além da forma, capaz de cantar a

²¹ NERUDA, Pablo. Op. cit., p. 161.

²² Idem, p. 284.

nova sociedade, o novo homem que se gestava sob o socialismo, o propulsor da poesia política que, com certeza, influenciou em muito o escritor chileno. Após ter de se exilar em 1949, Neruda faz uma viagem à então União Soviética, a convite para comemoração do centenário de Pushkin, a qual relembra daquela visita em *Confesso que vivi*:

Amei a terra soviética à primeira vista e não só compreendi que dela saía uma lição moral para todos os ângulos da existência humana, uma equiparação das possibilidades e um avanço crescente no fazer e no repartir, mas também interpretei que daquele continente das estepes, com tanta pureza natural, ia acontecer um grande vôo. A humanidade inteira sabe que aí está sendo elaborada a gigantesca verdade, e há no mundo uma intensidade atônita esperando o que vai acontecer. Alguns esperam com terror, outros simplesmente esperam, outros ainda acreditam pressentir o que virá.²³

Também escreveu poesias, as mais significativas estão relacionadas às transformações impulsionadas pela URSS. Neruda sofreu inúmeras críticas quando escreveu um poema sobre Stalin, mesmo após as descobertas de seus crimes, por ter se mantido no Partido Comunista diferentemente de muitos intelectuais.

Aqui, chegamos a uma questão importante para nós (a qual não sabemos explicar se é devido a um grande envolvimento com o objeto ou se por falta de uma leitura mais crítica, ou por nenhuma das duas), que é acerca das ideias comunistas que Neruda tomou como um compromisso e que ele estende à sua escrita. Na verdade, ele era um comunista, o que para alguns críticos, foi recebido com maus olhos.

O inglês Harold Bloom, considerado um dos maiores críticos literários no seu “Cânone Ocidental”²⁴, livro que tem de um capítulo dedicado a três grandes nomes da literatura contemporânea: Pablo Neruda, Jorge Luis Borges e Fernando Pessoa tendo como uma das finalidades discutir em que medida cada um destes deram continuidade ou adotaram o estilo de Whitman. Mas o que gostaríamos de destacar nesse texto de Bloom são suas considerações acerca da produção de Neruda e de sua postura.

Primeiramente, há uma crítica de forma exacerbada quanto à postura do poeta chileno em relação ao stalinismo, e, dentro desta discussão, apresenta ao leitor o embate entre Neruda e Borges, devido suas perspectivas distintas quanto ao comprometimento “com a realidade”, o que, para o primeiro, era essencial, tomado como um dever, um compromisso do próprio

²³ NERUDA, Pablo. Op. cit, p.232.

²⁴ BLOOM, Harold. Borges, Neruda e Pessoa: Whitman Hispano – Português. In: _____. **O cânone ocidental: Os livros e a escola do tempo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.442-468.

ofício. Quanto à obra poética, Bloom pondera que a única obra de grande importância de Neruda foi a *Terceira Residência*, que traz uma inovação estética em seus complexos versos. Já o *Canto Geral* ficou confirmado pelo tempo, como o canto geral da América, mas na verdade não teria nenhuma riqueza, seria meras repetições sem grandes valores. As palavras de Bloom nos mostram a complexidade dos estudos do campo literário, que nem sempre se voltam para o que os autores gostariam de ver estudado, como é o caso de Neruda, ele nunca se importou com essas “teorias”, mas sim com o conteúdo (com seus sujeitos) de seu trabalho.

José Miguel Ibáñez Langlois lê três grandes mestres da poesia contemporânea, a saber, P. Neruda, W. M. Rilke e E. Pound. Ele é também outro autor que, apesar de fazer algumas considerações importantes e interessantes sobre a produção nerudiana, não deixa de fazer críticas quanto ao envolvimento e/ou a ligação de Neruda com o campo político, mesmo afirmando ser plausível, como podemos ver nestas palavras:

Neruda, a partir da guerra civil espanhola, ergueu a bandeira vermelha da revolução comunista; em termos literários este compromisso engendrou uma pequena quantidade de bons versos, tributários, quase sempre, de sua inspiração anterior, e uma grande quantidade de versos ruins e panfletários, prosa versificada, que se multiplicam de forma intermitente a partir do *Canto Geral*.²⁵

E, nesta mesma perspectiva, ao longo do texto, faz mais algumas considerações em que podemos perceber ser de extrema importância, para o autor, a questão da estética poética como esta afirmação:

No que concerne às matérias históricas e políticas, elas adquiriram força poética quando tomaram em Neruda a forma do sentimento imediato, da emoção, do contato humano, e então escreveu a poesia social e política mais penetrante do idioma espanhol; mas a carga abstrata da ideologia, da apologia, as determinações políticas, ou a interpretação conduziram-no a enganos.²⁶

Contudo, gostaria de salientar que, para nós, historiadores, torna-se difícil concordar ou ter essa mesma concepção, pois seria uma grande equívoco de nossa parte “julgar” e apontar os “enganos” de Neruda quanto à sua visão política, suas crenças, sendo que só podemos apontar esses enganos (se é que podemos apontá-los enquanto tal) porque os processos históricos foram findados. Mas se talvez fizéssemos as considerações na época e sob os

²⁵ LANGLOIS, José Miguel Ibáñez. **Rilke, Pound, Neruda: três Mestres da poesia contemporânea**. São Paulo: Nerman, 1988, p.14.

²⁶ Idem, p.124.

desafios em que Neruda escreveu seus versos não teríamos a mesma postura do poeta ou concordássemos com ela?

O que cabe a nós, em nosso ofício de historiadores, é fazer um esforço de compreender, agora que já olhamos a um processo histórico findado, quais foram as questões, os desafios e as múltiplas relações que forjaram a postura adotada por Neruda, no que diz respeito à realidade que ele vivia se configura à sua frente.

Em nossa escrita tentamos considerar Neruda e parte de sua obra, notadamente em *Para nascer nasci*, a partir das questões de época, sendo que algumas destas foram comuns para muitos intelectuais espalhados por todos os cantos do mundo, nas décadas de 1960 e 1970 –, buscando compreender o engajamento não como algo exótico frente aos nossos olhos contemporâneos, mas como uma condição e um compromisso para aqueles que, como aponta Delson Biondo:

Tocou viver numa época cheia de incertezas, guerras, tiranias, perseguições e privações de liberdade. Mas felizmente foi também uma época em que os jovens, intelectuais e artistas, na sua maioria, ainda possuíam uma porta aberta, uma opção de vida, uma ideologia a seguir: o impetuoso e pujante caminho da militância política. Talvez muitos jovens de hoje, confortavelmente instalados em suas casas e livres em seus atos e idéias, não consigam compreender as conseqüências terríveis que aquela escolha poderia acarretar aos militantes políticos de países não-democráticos: o silêncio, a tortura, o exílio ou a morte. Mas, por outra parte, valia a pena correr esse risco porque, embora os resultados fossem incertos, os objetivos eram inegavelmente nobres: usar as palavras para transformar a sociedade, combater o obscurantismo, batalhar a favor da liberdade de expressão e em defesa da vida e da paz, realizar o sonho de um mundo melhor para todos.²⁷

Enfim devemos também apresentar ao leitor que, mesmo que não fique tão evidente ao longo da narrativa, foi de extrema importância a leitura e os apontamentos que Antonio Gramsci faz acerca da formação dos intelectuais e principalmente do intelectual orgânico²⁸. Para ele, na formação das distintas categorias intelectuais podemos apontar que existem dois tipos de intelectuais: Tradicionais e Orgânicos, os primeiros seriam, grosso modo, aqueles que conhecemos como “homens de letras”, literatos, filósofos, artistas, jornalistas, que trabalham com o discurso e a escrita, que se julgam apolíticos, mas que são, no final das contas, filiados às classes dominantes e suas frações e, os últimos, seriam os propulsores de um “novo

²⁷BIONDO, Delson. Neruda e o México: Encontros e Desencantos. *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n.º. 65, p. 43-69, jan./abr. 2005, p. 51-52.

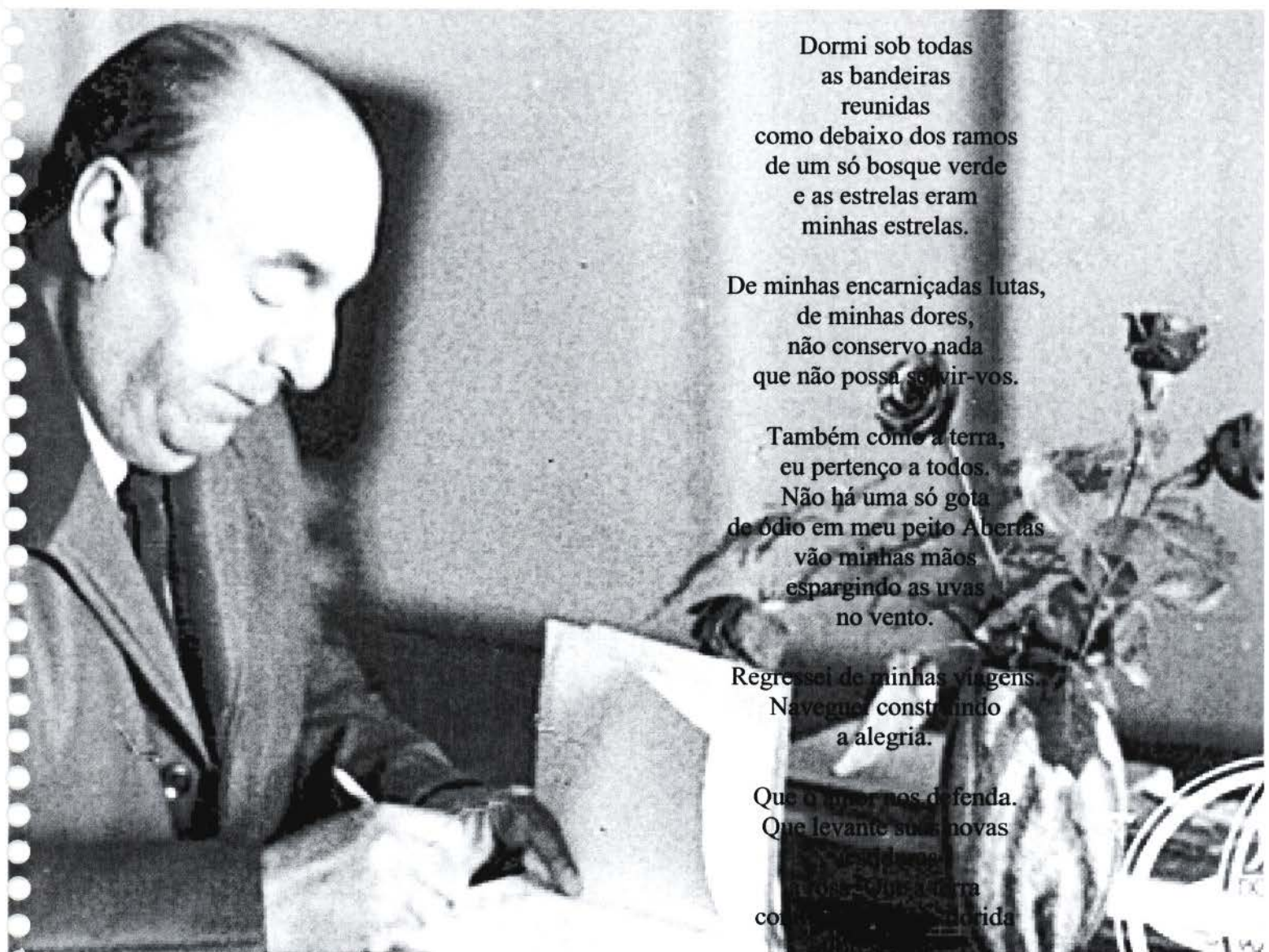
²⁸GRAMSCI, Antonio. Op. cit., p.3-23.

intelectualismo” como aparece nas páginas do “*OrdineNuovo*”, construtores e organizadores – “persuasores permanentes”, tendo em vista a prática, para além da eloquência, o que de certa forma, nos faz lembrar de Pablo Neruda

Assim, convido ao leitor a nos acompanhar nesta análise que toma os apaixonantes escritos de Pablo Neruda a fim de conhecer e compreender os distintos processos políticos/sociais/culturais vividos no Chile, em consonância com os desafios “universais” que, tendo em vista que a Literatura, assim como a História, trazem subjacentes em suas narrativas, discursos, dados, rastros, fragmentos da época, do lugar que foram produzidas, ou seja, portam uma historicidade, nos falam de fatos e acontecimentos passados que talvez passaram despercebidos pela escrita da história, mas não aos olhos sensíveis da literatura frente o humano.

CAPÍTULO II:

NERUDA: A POESIA É UM OFÍCIO



Dormi sob todas
as bandeiras
reunidas
como debaixo dos ramos
de um só bosque verde
e as estrelas eram
minhas estrelas.

De minhas encarniçadas lutas,
de minhas dores,
não conservo nada
que não possa servir-vos.

Também como a terra,
eu pertença a todos.
Não há uma só gota
de ódio em meu peito. Abertas
vão minhas mãos
espargindo as uvas
no vento.

Regressei de minhas viagens.
Naveguei construindo
a alegria.

Que o amor vos defenda.
Que levante suas novas
bandeiras.
Que vos abra
com a terra
com a terra
com a terra

O canto repartido (*As Uvas e o vento*) / Pablo Neruda

Com a finalidade de não perder de vista as distintas experiências vividas por Pablo Neruda ao longo de sua vida, e de suas atuações, foi que escolhemos tomar para nossa análise a obra póstuma *Para nascer nasci*, lançada em 1979. Tratar-se de um compilado de textos ou de versos em prosa escritos em diferentes momentos, para díspares ocasiões, e publicadas em lugares múltiplos: desde jornais a prefácios de livros, que permitem compreender como o(s) engajamento(s) perpassa(m) toda sua produção, em momentos em que sua própria vida passava por profundas transformações, nos quais se colocava, como o objetivo maior, sempre estar a serviço da construção e organização de outra realidade, em que todos os homens tivessem oportunidades iguais.

Neruda acreditou e apostou no projeto de construção de um novo homem que se pautasse pela liberdade, bondade, fraternidade e solidariedade. Assim ao falar da bondade no caderno 1 da referida obra, buscou chamar atenção “vede que necessitamos que sejam chamados bons os de coração reto, e os não amolecidos, e os submissos”.

Que tempos foram estes em que parte da intelectualidade saiu do casulo de prestígio e “superioridade” social para ir às ruas cantar, levantar a bandeira da luta, e insurgir a revolução? Acreditamos que a análise, atentando para relação entre a produção artística/cultural, e para as questões políticas e sociais, possa contribuir para a compreensão da obra discutida, pois todos os cadernos são permeados por esse complexo “feixe de relações” que indicam a militância do autor.

Quais questões presentes na escrita e nas atuações sociais/políticas que nos permitem considerar Pablo Neruda um intelectual orgânico como propõe Antonio Gramsci? Que grupo diz representar e organizar? Em que consistia o desejo de construir outra realidade/sociedade (projeto socialista/comunista)? Em quais causas se engajou? Tendo como eixo norteador a concepção proposta por Gramsci para intelectual orgânico, nos voltamos para a obra escolhida, buscando compreender a maneira com que o autor organiza suas ideias, quais os seus temas, sujeitos e mudanças tanto na sua poesia como na sociedade (frente aos desafios sociais e políticos) apresentados nos 7 cadernos que discorrem em temporalidades, lugares e formatos análogos que compõem a obra em questão.

Cabe destacar que a análise não se detém na obra como um todo, mas em alguns temas, os quais gostaríamos de compreender, evidenciar e analisar a partir de alguns dos textos de determinados cadernos, tendo em vista que a obra literária é um elemento da cultura e está submetida aos mecanismos da sociedade. Assim a tomamos como uma leitura de época (tempo e espaço, o que está posto) que permite visualizar, interpretar uma dada realidade.

2.1.O papel da poesia e da literatura para Neruda

Falar sobre o papel do ofício de poeta para Neruda também nos faz pensar no nosso ofício, nos leva a refletir sobre a função do historiador, da história no cotidiano, na sociedade, talvez seja necessário voltar a indagação que, de certa forma, inspirou Marc Bloch na escrita de seu livro *Apologia da História: ou ofício de historiador*: “para que serve a história?”¹. Surpreendentemente, uma das respostas possíveis nos aproxima ao que a poesia e a literatura têm como objetivo, cantar, remeter, refletir, contar tudo que possa expressar a existência humana em diferentes temporalidades e espaços. Assim como muitos historiadores tomam por função o comprometimento social e político, buscando dar um lugar a muitos sujeitos que ficaram à margem da história, pelo menos da historiografia, poetas como Pablo Neruda consideram como função do ofício o engajamento frente às causas que desafiam o contexto em que vivem. Deste modo, a poesia e a literatura contem e fazem do verso e da prosa espaço para aqueles que, às vezes, nem têm a condição de lê-los.

Em nossa prática, elegemos temas e delimitamos objetivos, analisamos determinados sujeitos, os lugares que ocupam dentro da sociedade, suas práticas, ações, desafios, lutas e tensões cotidianas, as desigualdades, dores e sofrimentos, anseios e desejos. Buscamos compreender aqueles que habitam o “subsolo”, o “submundo” onde o brilho do sol não adentra, onde estão homens de olhos e olhares negros causados pelo ar cinzento das minas de carvão, sujeitos que estão em condições impensáveis, assim como outros tantos que nem sempre fizeram parte da análise de muitos historiadores.

Quando escolhemos determinados temas e sujeitos, demonstramos a percepção de mundo que temos, apresentamos nosso comprometimento, a que e a quem nos colocamos a serviço e, principalmente, qual a perspectiva de história que queremos construir e escrever, a quem e sobre o que gostaríamos de lembrar. Deste mesmo modo propomos analisar qual era a relação de Pablo Neruda com a poesia, a literatura, a que sua escrita deveria se debruçar, quais eram seus temas e sujeitos, seu comprometimento e sua conduta enquanto poeta.

Para melhor analisar o proposto, selecionamos dois cadernos da obra *Para nascer nasci* (Caderno 4: Navegar no fumo e Caderno 7: Pablo Neruda fala) e alguns textos de um caderno do *Confesso que vivi* (caderno 11: A poesia é um ofício) que evidenciam claramente a sua preocupação em refletir acerca da função, do papel de ser um intelectual, um poeta em seu

¹BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.41.

país. Cabe ressaltar que, em alguns textos, buscamos fazer uma análise mais detalhada, enquanto, em outros, não nos aprofundamos, tendo em vista que alguns deles causaram maior impacto à nossa leitura.

Tomemos, primeiramente, o caderno 11 “A poesia é um ofício”². O título é convidativo, nos leva a pensar sobre o que é este ofício e a maneira como Neruda o concebe. Assim como ele chama seu leitor a conhecê-lo, também convidamos a quem se aventurar a ler essas proposições a acompanhar o caminho percorrido até chegar a elas.

“O poder da poesia”, o primeiro texto do caderno, nos mostra como é contraditória a afirmação de que suas obras muitas vezes não eram acessíveis à grande maioria das pessoas, assim como acusaram um dos maiores poetas da poesia política e de cunho “popular”, o russo Vladímir Maiakóvski de ser “incompreensível para as massas”, Neruda soube lidar bem com essa acusação, feita, na maioria das vezes, por críticos especializados ou, como ele diz, por seus “inimigos literários” em jornais da época e/ou outros meios.

A poesia, para Neruda, se mostra como um campo privilegiado, pois ele acredita que ela consegue alcançar os seus sujeitos, seus interlocutores, nas mais diversas situações “entre guerras, revoluções e grandes movimentos sociais”³, chegando a ser surpreendente a ideia de que seus versos poderiam ser ouvidos para além daqueles tidos como “comuns” e “tradicionais” leitores, alcançando os que talvez nem aprenderam a ler, como a maioria dos trabalhadores, sejam eles nas minas ou nas fábricas. Assim, o poeta nos conta de alguns episódios em que jamais imaginaria ter vivido. O primeiro dele trata-se de uma visita ao sindicato de um grande mercado popular em Santiago, descrito por Neruda como um local de trabalho em que circulavam pessoas simples, o que, de certa forma, lhe assustou quando chegou para realizar sua conferência:

Sentados em caixotes ou em improvisados bancos de madeira, uns cinquenta homens me esperavam. Alguns levavam à cintura um saco amarrado à maneira de avental, outros se cobriam com velhas camisetas remendadas, e outros desafiavam o frio mês de julho chileno com o torso nu. [...] Todos me olhavam com os olhos negros e estáticos do povo de meu país.⁴

Neruda se perguntava sobre o que dizer àqueles trabalhadores, afinal, só levava consigo um exemplar de seu livro *Espanha no coração*, o qual, depois, passou a compor uma parte da

² NERUDA, Pablo. Caderno 11: A poesia é um ofício. In: _____. **Confesso que vivi**. Tradução de Olga Savary. 30ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.293-373.

³ Idem., p.295.

⁴ Idem., p.295-296.

publicação da *Terceira residência*, tratando-se de um conjunto de poemas sobre a experiência vivida durante a Guerra Civil Espanhola. Iniciada a leitura dessa obra, considerada de grande complexidade poética e estética, seus versos foram ouvidos atentamente, de tal maneira que chega a comover Neruda, principalmente ao final, quando um dos trabalhadores agradeceu a leitura de seus versos, enquanto outros tantos choravam. O que teriam nestes versos que cantam a brutalidade e o sofrimento do povo espanhol que foi capaz de tocar aqueles trabalhadores que também sofriam as mais adversas situações/condições de pobreza e exploração? O que fora recitado poderia se aproximar com o cotidiano? Não sabemos ao certo uma resposta para além de hipóteses, contudo acreditamos, assim como Neruda, que deva ser o poder incalculável da poesia, de sua capacidade de tocar as pessoas, de aproximá-las.

Neruda ainda relembra que seus versos também foram espaço de defesa da imagem de sua amiga “revolucionária italiana” Tina Modotti que faleceu no México e, frente ao ocorrido, a imprensa levantou diversas ofensas. Outro episódio trata-se de um comício político em que dez mil mineiros ouviram atentamente os seus versos, “meu poema cresceu então e readquiriu como nunca seu tom de luta e de libertação”⁵. Relata que, em sua juventude se envolveu em uma briga num “cabaré” e, ao fim, um dos envolvidos reconheceu o poeta, revelando que sempre teve grande admiração principalmente por seus versos apaixonados. O caso final foi sobre um avião de espionagem que caiu em solo soviético, ou melhor, derrubado por mísseis. Os repórteres foram atrás desse insípido acidente, os dois “artilheiros” responsáveis pelos lançamentos ao serem questionados sobre o que faziam naquele lugar insípido e frio, um deles indagou que lia e dentre seus escritores estava Neruda. Estes vários casos lembrados por Neruda nos mostram como sua poesia conseguiu atingir seu público, seja ele um leitor de jornal ou um mineiro, um trabalhador, os mais diversos sujeitos sociais e históricos, os quais o poeta busca evidenciar em sua escrita, se aproximar.

Após demonstrar esse poder da poesia em falar e chegar ao inimaginável Neruda se debruça sobre o lugar que tem ocupado a poesia neste mundo acelerado, ele que não chegou a vivenciar essa era digital, na qual nós estamos envolvidos, em que a leitura é cada vez mais realizada não apenas em livros, mas em múltiplos aparelhos tecnológicos (computador, tablete, celular...), estando disponível, de forma acessível e rápida, milhares de obras digitalizadas,

⁵NERUDA, Pablo. Caderno 11: A poesia é um ofício. In: _____. **Confesso que vivi**. Tradução de Olga Savary. 30ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.299.

além da diversificação dos tipos de leituras. No entanto, Neruda já observava e assinalava as mudanças no hábito de ler, e questionava: qual seria o lugar que ocupava a poesia e os livros? Apontando que não há mais espaço e tempo para livros e versos, a produção e circulação parece ficar entre o próprio meio, ou seja, entre os demais poetas. Chamando atenção para essa recorrente situação, -Neruda propunha mudanças e dizia que era necessário retomar uma relação com os distintos leitores, que é o que lhe interessava, como atestou:

A poesia perdeu seu vínculo com o leitor... É preciso recobrá-lo... É preciso caminhar na escuridão e se encontrar com o coração do homem, com os olhos da mulher, com os desconhecidos das ruas, dos que a certa hora crepuscular ou em plena noite estrelada precisam nem que seja de um único verso... Esse encontro com o imprevisto vale tanto pelo tanto que a gente andou, por tudo o que a gente leu e aprendeu... É preciso perder-se entre os que não conhecemos para que subitamente recolham o que é nosso da rua, da areia, das folhas caídas mil anos no mesmo bosque... e tomem ternamente esse objeto que nós fizemos... Somente então seremos verdadeiramente poetas... Nesse objeto viverá a poesia...⁶

Contudo, como seria a aproximação com o “coração do homem”, como adentrar ao cotidiano dos “desconhecidos da rua”? Para o poeta, era preciso ter uma conduta não só para criar uma relação com o leitor, mas e principalmente para compor o seu ofício. Para chegar a estes leitores com quem procura reconstituir laços, é necessário saber o que é o coração do homem, o que o faz pulsar, o que nele causa angústia e dor.

Aqui, entramos em uma questão essencial na produção de Pablo Neruda, ele que fora reconhecido como um grande intelectual, comprometido com seu ofício: o que implicaria ser um poeta para ele? Voltemo-nos para o caderno 4 (Navegar no fumo) de *Para nascer nasci*, ao analisá-lo, podemos elencar alguns assuntos tratados pelo poeta, dentre estes está a poesia, seus temas, seus lugares, objetos e os sentimentos que a incitam.

Os nove primeiros textos são reflexões sobre a poesia e acerca de seus escritos. Em seus quatro textos iniciais, escritos na década de 1930 para a revista espanhola *Caballo*, o poeta se volta para uma discussão recorrente neste período e que, de certa forma, marca sua poética. Em “Conduta e poesia”, um dos referidos textos, Neruda ataca de certa forma aqueles escritores que, com o passar do tempo, tornam-se apenas “artistas” e escrevem apenas sobre seus temas e pessoas prediletas, e se esquecem que :

O tempo lava e desenvolve, ordena e continua.
E, então, que fica das pequenas podridões, das pequenas conspirações do silêncio, dos pequenos frios sujos de hostilidade? Nada, e na casa da poesia

⁶Ibidem, p. 303.

nada permanece a não ser o que foi escrito com sangue para ser ouvido pelo sangue.⁷

O que há por trás dessas palavras de Neruda? Primeiramente, a discussão sobre o que e a quem a poesia deveria voltar-se, seus temas, qual seria seu compromisso com as questões desafiantes de sua época. Neruda escreve este texto, e outros três que comentaremos logo em seguida, presenciando as atrocidades cometidas durante a Guerra Civil Espanhola, diante demilhares de pessoas que perderam suas vidas, e da falta de comprometimento de muitos artistas/intelectuais que fecharam seus olhos e preferiram não tocar neste tema, preocupando-se com questões puramente estéticas de suas produções.

O escritor, enquanto todos dormem (os “seguros geógrafos”, os empresários, os advogados, os destinatários), escreve questionando a si e aos leitores sobre qual é(são) o(s) tema(s) do poeta, a quem e sobre o que fala, quais caminhos a serem percorridos? A que lugares pertencem os temas da poesia e que lugar a mesma quer alcançar? Os temas da poesia e o lugar que o poeta quer adentar com sua poesia é o coração, para ele a poesia é:

Como a lava ou trevas, como tremor bestial, como badaladas sem rumo, a poesia mete as mãos no medo, nas angustias, nas enfermidades do coração. Sempre existem do lado de fora as grandes decorações impostas pela solidão e o esquecimento: árvores, estrelas. O poeta trajado de luto escreve agitado muito solitário.⁸

Um dos textos que também merece atenção especial é “sobre uma poesia sem pureza”, talvez seja o que mais causou repercussão no momento de sua publicação original. Para além destas palavras que buscam mostrar a infinidade dos temas da poesia, o embate colocado mais uma vez é sobre o que deve escrever o poeta, qual sua postura perante aos acontecimentos políticos e sociais. Neruda nos mostra que, frente às questões da época, não cabia mais a pureza, escrever apenas por escrever, a arte pela arte não fazia mais sentido diante dos desafios presentes naquela sociedade, era preciso mais que ressaltar a forma, voltar-se para o conteúdo. As artes deveriam dar continuação à luta das ruas, mais que uma metrificação perfeita dos versos, deveriam buscar uma poesia que fosse:

...desgastada como por um ácido pelos deveres da mão, penetrada pelo suor e a fumaça, olente à urina e à açucena salpicada pelas diversas profissões que exercem dentro e fora da lei.

⁷ NERUDA, Pablo. **Para nascer nasci**. Tradução de Rolando Roque da Silva. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 137.

⁸ Idem., p.138.

Uma poesia impura como um traje, como um corpo, com manchas de nutrição e atitudes vergonhosas, com rugas, observações, sonhos, vigílias, profecias, declarações de amor e de ódio, animais, sacudimentos, idílios, crenças, políticas, negações, dúvidas, afirmações, impostos.⁹

Neruda propôs e lutou por uma “poesia impura” que fosse capaz de falar dos diferentes sentimentos que afligiam o coração humano e da complexa relação entre homem, natureza e sociedade. E, em 1957, num prólogo para edição brasileira de algumas de suas obras retoma essa discussão chamando a atenção para o fato de que determinados pesquisadores que se debruçam sobre poesia gastam tinta e mais tinta falando de teorias, construindo uma imagem deturpada do poeta como um ser superior dos demais homens, criando assim um afastamento de seus leitores, o que, para Neruda, seria um grande perigo, uma tentativa de afastar o poeta de seu povo. Assim, propõe deixar de lado essa produção de textos que tentam mitificar a poesia e ir buscar o que, para ele, é realmente importante:

Eu me nego a mastigar teorias e convido qualquer um a entrar comigo num bosque de carvalhos rubros no sul do Chile, onde comecei a amar a terra, numa fábrica de meias, numa mina de manganês (ali os operários me conhecem) ou em qualquer parte onde se pode comer pescado frito.¹⁰

Com estas palavras, Neruda demonstra mais uma vez uma postura que se consolidou ao longo de sua produção e que nos permite afirmar ser ele um intelectual orgânico que se coloca a serviço da sua classe, do grupo ao qual escolheu representar, ou, melhor, dizendo, ao qual ao longo de sua vida esteve atrelado, “a pobre gente explorada”.

Já que estamos analisando o caderno 4 de *Para nascer nasci*, terminemos ele para retornar ao caderno 11 de *Confesso que vivi*. Para além do prólogo citado acima e outros em que Neruda faz algumas considerações acerca de obra apresentada e também volta para detalhes do momento da edição inicial. Deste modo rememora seus poemas “adolescentes” de *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*, a maneira como esses primeiros amores se mistura com os elementos da paisagem, escritos sob essa dupla inspiração. Referindo-se ao livro *Sumário*, nos deparamos com o tema da origem, questões que envolve memória e esquecimento, como lembrar ou relembrar a sua infância, como falar dessas lembranças. Além disso confessa, não ter esperado o tamanho prestígio de sua obra, considerando como ele mesmo destaca, as “solidões que me originaram”. Ao falar de *Pájaros*, encontramos uma espécie de testemunho do amor por sua pátria, “pássaros, passarinhos”, grandes paixões do

⁹Ibidem, p.140.

¹⁰Idem, p.143.

poeta e por fim *La Lira Popular*, em que ressalta os “poetas do povo” espalhados por todos os cantos da América do Sul, as marcas deixadas por suas mãos, segundo Neruda uma “memória manual” que:

Enquanto os poetas se fecharam nos laboratórios, o povo prosseguiu cantando com seu barro, com sua terra, com seus rios, com seus minerais. Produziu flores prodigiosas, surpreendentes epopeias, amassou folhetins, relatou catástrofes. Celebrou os heróis, defendeu seus direitos, coroou seus cantos, chorou seus mortos.¹¹

Encontramos, para além destes prólogos, dois textos que remetem à peça teatral que toma a figura lendária de Joaquín Murieta¹² que sai cavalgando pelas noites da Califórnia, a fim de vingar a morte de sua amada. O fogo de suas aparições tem tanto brilho como ouro que o mesmo desbravara. Envolto nesta mistura de realidade e lenda, Neruda decide escrever um texto sobre a figura de Murieta, que já foi lembrado ao longo dos anos através de músicas e poesias populares, agora seria representando no teatro.

Em “Uma vez mais em Temuco”, Neruda nos remete ao sentimento de regresso e pertencimento a esta terra que o viu crescer, a este povo sofrido que escuta e aplaude sua poesia, a emoção lhe toma ao ver a herança viva da araucania através de suas “dolorosas melodias”, de como essa cultura luta para sobreviver frente à tentativa de apagá-la em detrimento da modernidade que deve ser construída sobre a barbárie, “a única cidade do Chile com araucanos nas ruas” parece ter se tornada outra.

Este(s) regresso(s) é imbuído de lembranças que traz os vestígios de seu povo causando um sentimento de pertencimento ao passar por aquelas terras. Além disso, o texto “a taça de sangue” faz menção a morte dos seus pais, como determinados fenômenos naturais tem uma conexão com sua vida.

Qual seria a “fragrância do regresso”, quais sentimentos ao retornar a sua terra, a sua casa? Tudo parece mudado, fora de lugar, a ausência causou transformações por todos os

¹¹Ibidem, p.150.

¹²Joaquín Murieta foi um dos desbravadores do ouro na Califórnia. Contam que quando a notícia do ouro se espalhou, centenas de chilenos saíram de barcos do porto de Valparaíso e acabaram chegando primeiro que os próprios norte-americanos (os ianques fizeram a viagem de “charretes”). Murieta ganhou dinheiro e se casou com uma chilena. No entanto começaram os problemas, a população “branca” passou a perseguir os “estrangeiros”, queimando as cabanas, matando quem estivesse por ali (chilenos, mexicanos na sua maioria). Num desses ataques mataram a esposa de Murieta, o qual, jurando vingança, saía com um grupo à noite, saqueando os ricos e dando aos pobres, foi assim que tornou-se o bandido, o “Robin Wood” chileno. Numa dessas noites, ele caiu em uma armadilha, tendo a sua cabeça decepada, a qual foi entregue aos empresários locais que a colocaram em exposição em uma feira de São Francisco, mas sua cabeça tornou a viver, e assim virou uma lenda que é lembrada por todos aqueles que falam a língua espanhola. Ainda hoje, chilenos e mexicanos disputam pela nacionalidade de Joaquín Murieta.

cantos. É necessário reconhecer aquele ambiente. Assim como os antigos e permanentes moradores em relação àquele que retorna a casa, Neruda percebe as marcas de sua ausência como destaca:

A biblioteca me reserva um olor profundo de inverno e postumeiras. É entre todas as coisas a que se impregnou de ausência.
Este aroma de livros encerrados tem algo mortal que vai direto às narinas e as anfractuosidades da alma, porque é um olor a esquecimento, a lembrança enterrada.

[...]

Os livros se dispersaram loucamente em minha ausência. Não é que faltem, mas mudaram de lugar.¹³

Neruda, com sentimentos e sensações aflorados, sente misturar-se o velho e o novo, assim como os vestígios do inverno com o despertar da primavera, como se reconhecer nesta antiga paisagem, mas que já não é a mesma, quem retornou já não é o mesmo que partiu outrora e do mesmo modo tudo que ficou não é mais como foi deixado. O novo está nas rosas ao florescer em meio ao inverno, mas também naquilo que o poeta trouxe de onde estava e assim se misturam os odores. Atentando para as mudanças ditas, cabe indagar: será que foram os livros que realmente mudaram de lugar? Ou será que não foi o regresso que os mudaram a tal de não se reconhecer?

Apaixonado pela América, Neruda ressalta, em “vamo-nos ao Paraguai”, as belezas de muitos dos países pertencentes à América do Sul, a riqueza de nossa história, demonstra-nos sua imensa vontade de conhecer seus povos, de compartilhar com os irmãos os sofrimentos. Contudo, o Paraguai, para o poeta, é um destes lugares que anseia conhecer de tal forma como um leitor que almeja muito ler um livro e, de passagem pelo Peru, diante daquela beleza dos resquícios incas, aponta ser ali a matriz de nossa América. De certa forma, também toca no tema do exílio, como podemos notar nas seguintes palavras:

Não sou um patriota desditado, nem conheço o exílio. Minha bandeira me envia beijos de estrela todos os dias. Não sou desterrado porque sou terra, parte de minha própria terra, indivisível, espaçoso.¹⁴

Esta concepção (sobre o exílio) adotada por Neruda talvez seja aquela que lhe causou menos sofrimento, ao ter o sentimento de pertencimento ao lugar para além do território físico, levando-o consigo, de forma que no seu próprio ser ele porta sua terra, ele é parte inseparável como qualquer outro elemento, ser vivo.

¹³Ibidem, p.161-162.

¹⁴ Ibidem, p.166.

Ao encerrar a análise deste caderno (caderno 4) alguns temas se sobressaem: primeiramente a questão da poesia, a maneira como ela se constitui enquanto ofício, seus temas, suas preocupações, os lugares de que fala, ficando evidente que a causa maior de seu canto são os homens. A aversão de Neruda aos estudos linguísticos e literários, com suas desnecessárias classificações quanto à forma e o conteúdo, também é recorrente.

Em um segundo momento, temos textos que revelam o amor e o comprometimento do poeta não apenas com seu país, mas com a América. Neles, nos conta sobre mitos, lendas, nomes importantes, nossa história marcada por exploração, derramamento de sangue e sofrimentos, em uma paisagem apaixonante em cada ponto de “nuestra” América. Por fim cabe apresentar que também temos dois textos em que o poeta se debruçou acerca da vida e obra de dois grandes nomes da literatura: Ramón López Velarde e Shakespeare.

Retornando o caderno 11 (A poesia é um ofício) de *Confesso que vivi*, nos voltamos para o papel dos críticos e de que modo estes consideram o trabalho do poeta. Neruda aponta que muitos ainda permanecem com a ideia de que aqueles que trabalham com as letras, com a literatura devem levar um vida de extrema pobreza, alijados de bens materiais, e serem assolados por pensamentos e sentimentos tristes. A dor seria a única condição de se escrever os versos mais perfeitos. Contudo, Neruda lutou por uma geração que não fosse de “poetas magros e fracos”, atestando que:

As coisas mudaram porque o mundo mudou. E nós os poetas, inopinadamente, encabeçamos a rebelião da alegria. O escritor desventurado, o escritor crucificado, faz parte do ritual da felicidade no crepúsculo do capitalismo.

[...]

Nós, os poetas, temos o direito de sermos felizes, uma vez que estamos ferreamente unidos a nossos povos e à luta pela felicidade.¹⁵

A poesia se tornou um ofício no Chile, mas a custa de muita luta por tal reconhecimento, o que Neruda se alegra ao lembrar que, não só participou destas lutas, como também conseguiu alcançar seu objetivo, pois, como relembra, no início de sua carreira havia dois tipos de poetas, aqueles que tinham certo status social, que tinham dinheiro e/ou aqueles que viviam jogados pelas ruas e bares como loucos, ainda tinham aqueles frustrados que exerciam outras funções, sonhando um dia poderem se dedicar à poesia. Orgulhando-se do reconhecido respeito à poesia e a seus poetas, aponta os desafios a serem enfrentados, pois surge uma grande quantidade de novos poetas/poetisas, não havendo leitores para todos, sendo

¹⁵ NERUDA, Pablo. Op.cit., p.306.

necessário buscar outros leitores ou se destacar pelo que chamam de “originalidade”. Contudo, a originalidade não é mais que um “fetiche”, o viável seria criar uma personalidade ao longo da vida poética, Neruda nos diz que a personalidade de seus escritos, foi escrevê-los de tal maneira que são tanto para sindicatos como para universidades, retratando todos os temas possíveis e que pudessem, de certa forma, falar da “coletividade humana”.

Considerando a poesia enquanto ofício, tomemos o caderno 7 “Pablo Neruda fala” de *Para nascer nasci*, em que encontramos uma série de pronunciamentos de Neruda em diferentes solenidades, nos quais seu discurso se voltou não só para sua experiência enquanto poeta, mas como ser um poeta, um intelectual. Este caderno, em nossa opinião, como um todo é o mais tocante.

“O poeta não é uma pedra perdida”, talvez um dos textos mais bonitos já lido, foi proferido na cerimônia de doação do acervo de Neruda para a Universidade do Chile, em 1956, composto por sua biblioteca pessoal e também de suas coleções, dentre elas a famosa coleção de caracóis (o acervo ainda se encontra na Universidade do Chile e aberto ao público). Acervo entregue num gesto de gratidão ao seu povo e ao seu país, sendo a importante relação entre o poeta e seu povo ressaltada pelo reitor da referida universidade e também por Neruda em seu texto, pois, para ele, sempre foi um dever dos poetas tecer essa relação em todos os tempos, independente do lugar e da condição a que estivessem submetidos, pois:

O poeta não pode ser desarraigado, a não ser pela força. Mesmo nessas circunstâncias suas raízes devem atravessar o fundo do mar, suas sementes seguir o vôo do vento, para se encarnar, uma vez mais, em sua terra. Deve ser deliberadamente nacional, refletidamente nacional, maduramente pátrio. O poeta não é uma pedra perdida. Tem duas obrigações sagradas: partir e regressar.¹⁶

“Partir” e “regressar”: Neruda viveu sob distintas condições essas duas situações, ele que, desde muito jovem, desejava viajar pelo mundo e conhecer as mais distantes e diferentes culturas, o que realizou ao longo de sua vida em suas atividades sem nunca deixar de ser um poeta chileno, um intelectual comprometido com seu povo. Mesmo quando Neruda teve que partir contra sua vontade, ou mesmo enquanto embaixador e cônsul fora de seu país, sempre em sua escrita e em suas reflexões, o Chile era lembrado, tudo lhe remetia a ele, regressar foi o desafio constante para quem nunca foi um cosmopolita.

¹⁶NERUDA, Pablo. Op. cit., p. 353.

Em meios a tantas partidas, Neruda foi constituindo um acervo repleto de raridades, obras consagradas, algumas compradas, outras ganhadas e advindas de todas as partes, desde a União Soviética até a China, obras que representam, de certa maneira, a cultura universal. Os búzios da coleção significam os diferentes mares que conheceu, representam juntamente com os livros de botânica e zoologia, seu fascínio, desde criança, pela flora e pela fauna, pelos bosques e mares, que constituem parte das experiências e vivências de Neruda, ao longo de sua trajetória, como relata:

Todos eles formam parte da minha vida, da minha geografia pessoal. Tive longa paciência para procura-los, prazeres indescritíveis ao descobri-los e me serviram com sua sabedoria e sua beleza. A partir de agora servirão mais extensamente, continuando a generosa vida dos livros.¹⁷

Em suas memórias, relata o carinho que teve em juntar estas obras por trinta anos e que, por muito tempo, devido à tirania, foram trancadas, abandonadas intencionalmente. Neruda confessa tristemente que “o certo é que se passaram vinte anos do fato, e ninguém tornou a ver nem meus livros nem meus caracóis. É como se houvessem retornado às livrarias e ao oceano”¹⁸, afastadas do acesso do povo nesta mesma Universidade que ele acreditava ser a estrela da bandeira de seu país, que idealizava ser, no futuro, a mais ampla e popular. O acervo abriga distintos títulos e aqueles que os visitarem não compreenderão facilmente a lógica de quem os reuniu, como ressaltou o próprio poeta. Cada item representa uma experiência, revela suas relações como ele atesta, rememoram amigos queridos, que no momento de seu pronunciamento, já se foram, como Federico Garcia Lorca e Paul Éluard.

Enfim, para Neruda, estas obras revelam a beleza do conhecimento, a relação entre homem e natureza, o que o fez deslumbrar, o levou a despertar sua consciência e a razão, se declarando não ser um pensador. Os livros doados são reverenciais, fragmentos de sua vida enquanto poeta, o qual devolve para o patrimônio de sua pátria, ele que pertenceu a uma geração “antilivresca” e “antiliterária”, deixou esse tesouro para outras gerações, “olhos novos”. Ele profere:

São numa palavra, fragmentos íntimos e universais do conhecimento apanhados na viagem do mundo. Aqui estão.

[...] O esplendor destes livros, a flora oceânica desses búzios, quanto consegui ao longo da vida, apesar da pobreza e no exercício constante do trabalho, entrego-o à Universidade, melhor dizendo, dou-o a todos.¹⁹

¹⁷Idem, p. 354.

¹⁸NERUDA, Pablo. Op. cit., p.317.

¹⁹Idem, p.356

Em comemoração a seu 50º aniversário, Neruda pronuncia um discurso na Universidade do Chile, que o recebe cumprindo com honra e vitória as tarefas intelectuais. Comparando a poesia ao rio, fala sobre seus nascimentos, que acontecem de forma invisível, silenciosamente a procura de um caminho. Deste modo, afirma:

Eu pensei: é assim que nasce a poesia. Vem de alturas invisíveis, é secreta e escura em suas origens, solitária e fragrante, e, como o rio, dissolverá quanto caia em sua corrente, buscará roteiro entre os montes e sacudirá nas pradarias seu canto cristalino.

Regará os campos e dará pão ao faminto. Caminhará entre as espigas. Nela saciarão a sede os caminhantes e ela cantará quando os homens lutam ou descansam.²⁰

Relembra dois grandes poetas, Rubén Dário e Gabriela Mistral: eles representam “a vida eterna da verdadeira da poesia” e, mais uma vez, ressalta esse importante laço do poeta com seu povo e sua pátria, confessando que tudo que viveu e escreveu foi uma maneira de se aproximarem, promovendo o conhecimento e o entendimento humano. Por tudo isso, segundo Neruda, “vale muito ter lutado e cantado, vale muito ter vivido se o amor me acompanha”.²¹

Parabenizando os jovens que estavam participando de um festival, os saúda contando a história de nossa América, o legado que nossos ancestrais deixaram por meio do canto, da alegria, das canções e dos bailes de nossas terras que sobreviveram frente a tantas tragédias, heranças guardadas, mesmo que mescladas por profundas dores, assim como é dever do poeta, também é de todos o de manter este testemunho, este legado.

“A lavadeira noturna” é um dos muitos escritos do poeta que revelam sua admiração e paixão pelas mulheres, o texto é um discurso que fez para milhares delas, brinca que muitos poetas estariam o invejando diante da honra de se reunir com tantas mulheres chilenas. A mulher, que foi sempre objeto de inspiração para tantos homens, contraditoriamente viveu como inferior e /ou inatingível durante séculos, contudo, homens e mulheres são iguais na luta cotidiana para melhorarem suas condições.

Neste texto, também relembra de sua mãe, a qual lhe deu a vida e logo em seguida o deixou devido à tuberculose. O pai se casou novamente e o presenteou com “a outra mãe”, aquela que o criou. Remete-se a outras milhares de mães, esposas, avós que passaram despercebidas pela história, por fim a lavadeira noturna, a qual fez um poema e lido diante dessas mulheres. Nunca soube quem era a lavadeira, todos os dias, como um rito, a noite

²⁰NERUDA, Pablo. Op. cit., p.358.

²¹Idem, p.359.

aparecia com suas velas e roupas, enquanto Neruda e Matilde (sua última companheira) a observavam ao longe, mas, para o poeta, não era um rito, como atesta:

Porém, poeta desta época, vi naquela lavadeira não um rito, mas uma dolorosa realidade e a vida de milhões de mulheres desta América imensa e desamparada. Aquelas velas, àquela hora, no inverno ou não verão, estariam igualmente alumiando a dura tarefa de uma mãe do Equador, da Bolívia, da Venezuela. [...] essa lavadeira, essa mulher noturna lavando roupa, enquanto os filhos dormem, foi pra mim a heroína obscura de nossos povos.²²

Neruda, ao receber em 1968 uma homenagem da Universidad de Concepción faz um discurso de agradecimento emocionante, tocante para aqueles que ouviram e principalmente para aqueles que o leem décadas depois, primeiramente por falar da importância de agradecer e do imenso conteúdo que expressa a palavra obrigado, palavra tão essencial para o convívio humano e tão esquecida em nossos dias. Neruda agradece não apenas ao Reitor por essa homenagem, mas a tudo que compõe as terras de seu país e de seu povo. Foram destes que aprendeu a poesia e a retórica. Desde sua adolescência foi desta paisagem que foram incitados seus versos. Entretanto, todas as experiências, vivências e acontecimentos dentro e fora do Chile “fizeram mudar cem vezes o traje da minha poesia”, nos fala o poeta que lutou e esteve nas mesmas condições de seu povo, salientando que não foi mais que seu dever:

Os deveres do poeta foram talvez sempre os mesmos na história. A honra da poesia foi sair à rua, foi tomar parte nesse e naquele combate. O poeta não se assustou quando o disseram insurgente. A poesia é uma insurreição. Não se ofende o poeta porque o chamam subversivo. A vida ultrapassa as estruturas e há novos códigos para alma. De toda parte salta a semente, todas as idéias são exóticas, esperamos todo dia mudanças imensas, vivemos com entusiasmo a mutação da ordem humana: a primavera é insurrecional.²³

Estas palavras nos demonstram o grande intelectual que Pablo Neruda foi, dentro e fora do Chile, não só como poeta, mas como homem engajado com as questões de época. Representa para nós, ontem e hoje, uma inspiração com o seu compromisso e sua solidariedade para com o povo americano, nós que assistimos diariamente as tragédias que assolam nossa sociedade e nada fazemos, mal nos pronunciamos sobre elas. O nome de Neruda exprime a solidariedade e o compromisso pelo qual tanto lutou durante décadas, como analisa José Carlos Rovira Soler, em artigo sobre essa temática:

Siempre testimonio solidario de un siglo en el que las cosas parece que anduvieron de forma diferente a la que el poeta calculó y profetizó. En secuencias posteriores construyó un espacio poético para la solidaridad hacia

²²Idem, p.367.

²³Ibidem, p.371-372.

causas, gentes, grupos sociales, de los que quiso ser testigo y a los que quiso prestar la voz. El poeta se situó en profecías solidarias que reconstruyen una parte de la historia del siglo XX.²⁴

As palavras de Soler nos mostram a tentativa incansável de Neruda na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. Assim, ao participar de uma reunião sobre a negociação da dívida externa de seu país, a qual havia crescido de forma vertiginosa nos governos anteriores a Unidade Popular aproveita para refletir sobre a enorme dívida que todos têm no campo do conhecimento.

Demonstrando que a supremacia, ora da Europa passou a ser ocupada por uma de suas antigas colônias americanas, E.U.A, tendo seu idioma ganhado respeito no mundo das letras, também aponta que outros países, com outros idiomas não passaram despercebidos, tendo uma produção abundante na poesia, que serve de fontes para todos aqueles que a tomam enquanto leitores ou como no exercício do ofício de poeta. Há que destacar que novos países fazem da poesia mais um espaço para suas lutas políticas, assim, Neruda diz ser necessário reconhecer a enorme dívida que todos têm com aqueles que escreveram anteriormente, que deram vida às letras, do peso que eles tiveram na constituição da cultura universal e que outros escritos e mais versos possam tocar e falar das lutas, da poesia e da história a outras gerações.

Como já comentamos em outros momentos desta escrita, Neruda, após várias indicações, finalmente foi agraciado com o prêmio Nobel em 1971, ocasião em que proferiu dois belos discursos que reforçam a sua conduta poética. O primeiro deles foi dedicado a todos os laureados do prêmio nesta edição, falando-lhes da emoção de poder estar ali reunido com tantas pessoas de lugares, experiências, vivências, ideais, olhares, idiomas diferentes. Diante do “outro”, ele retorna a sua terra e dela recebe a luz que ilumina a referida festa assim como o futuro de toda a América que luta por deixar sua condição de explorada e subjugada, fazendo de sua poesia espaço para essa mesma luta. Neruda acredita e sente estar em meio a toda a multidão, pois ali estavam a presença invisível de todos.

Já o outro discurso é em agradecimento ao prêmio, em que realiza uma longa viagem pelas terras de seu país, por suas cordilheiras e mares, por suas paisagens solitárias e fascinantes aos olhos deste poeta que as cantou em dezenas de livros e versos e que, apesar de

²⁴ SOLER, José Carlos Rovira. **Neruda: el tiempo español de la solidaridad y el compromiso**. Biblioteca virtual Miguel de Cervantes, p.6. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/neruda---el-tiempo-espaol-de-la-solidaridad-y-el-compromiso-0/html/000ab534-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html#I_1

receber tal honraria, diz que não se deveter receitas, pois a poesia deve nascer das relações que o poeta estabelece com tudo ao seu redor, cumprindo o dever de ajudar a restabelecer os laços com a natureza e entre os homens, a se comunicar com todos.

A produção poética deve ser um instrumento de trabalho, foi isso que Neruda fez de sua poesia, um trabalho necessário assim como o pão ou vinho, tomando como seu dever vivenciar igualmente a todos as lutas e os desafios sociais, incorporando-os em seus poemas, com essa postura extremamente engajada com seu ofício, sua pátria, a América e seus povos. Acredita que a “poesia não terá cantado em vão”, e, a partir de tudo isso, compreendeu seu compromisso, como ele mesmo demonstra:

Compreendi, metido no cenário das lutas da América, que minha missão humana não era outra senão a de agregar-me à extensa força do povo organizado, agregar-me com sangue e alma, com paixão e esperança, porque somente desta transbordante correnteza podem nascer as mudanças necessárias aos escritores e aos povos. E, ainda que minha posição levantasse ou levante objeções amargas ou amáveis, o certo é que não acho outro caminho para o escritor de nossos vastos e cruéis países, se queremos que floresça a escuridão, se pretendemos que os milhões de homens que ainda não aprenderam a ler-nos nem a ler, que não sabem ainda escrever nem escrever-nos, se estabeleçam no terreno da dignidade, sem a qual não é possível ser homens integrais.²⁵

2.2.A relação do poeta com sua “terra austral” e seu olhar sobre “outro”

No desenvolvimento da pesquisa histórica, se faz de grande importância a localização do objeto a que se investiga e, principalmente, dos sujeitos que se pretende discorrer, bem como o lugar em que estes estão inseridos. Em nosso caso, esse dado merece uma atenção especial, pois a produção e atuação do poeta está toda permeada por essa relação com o seu lugar de origem, referenciado nas paisagens que compõem suas lembranças e muitas das vezes também seus poemas.

No trabalho com o material de pesquisa, principalmente com a obra em *locuse* o livro de memórias (*Confesso que vivi*) de Neruda, sobressai, aos nossos olhos, essa relação apaixonante para seu leitor e/ou pesquisador, que ele estabelece com seu país de origem e também com a América como um todo, uma espécie de compromisso em cantar a todos os cantos do mundo os desafios vividos no espaço que o rodeia, a levantar críticas sobre a

²⁵NERUDA, Pablo. Op. cit., p.415.

condição a que nós, americanos, fomos submetidos desde a colonização, sofrendo de distintas formas com a interferência externa, o que dá significado à sua poesia, como nos mostra:

Se minha poesia tem algum significado, é essa tendência espacial, ilimitada, que não se satisfaz em um lugar só. Minha fronteira tinha que ultrapassar a mim mesmo, não me tinha confinado no enquadramento de uma cultura distante. Eu tinha que ser eu mesmo, esforçando-me por me estender como as próprias terras, onde me tocou nascer.²⁶

Deste modo, percebemos que essa relação com o Chile e a América faz parte da postura engajada do intelectual em questão. Assim quando analisamos sua concepção sobre o que é a poesia e a literatura, fica evidente, que seja em verso ou prosa, sua escrita deve ser lugar para expressar as belezas e as dores do povo chileno, americano e que, muitas vezes, foi difícil alcançar seu objetivo inicial: ser ouvido. Mas percebemos que essa postura de compromisso e as dificuldades foram comuns para a maioria dos intelectuais (pelo menos para seus contemporâneos) de nossa América como nos fala Neruda:

Nos livros de Cortázar, de Vargas Llosa, de Fuentes e de García Márquez há uma constantíssima preocupação americana, uma tônica temática enraizada em nossas verdades, um âmbito que nos pertence e que eles nos restituíram em forma várias vezes grandiosa. É isso que deve ser tomado em consideração. São a distância, exilados ou não, mais americanos que muitos de seus compatriotas que vivem deste lado do mar.²⁷

Como expressar seu estilo pelo idioma, como se colocar frente a tantas revoluções, modismos e influências estéticas estrangeiras? A própria localização geográfica impunha essa condição de isolamento e solidão tantas vezes mencionada por Neruda em diversos momentos, livros e pronunciamentos. O desafio geográfico, como nos fala o poeta, se colocava como uma condição a ser superada, pois:

É assim o patrimônio dos americanos, nascemos e crescemos condicionados pela natureza que ao mesmo tempo nos nutria e nos castigava. Será difícil apagar esta luta de morte, quando a luz nos golpeou com sua cimitarra, a selva nos incitou a extraviarmo-nos, a noite nos feriu com seu frio estrelado. Não tínhamos a quem recorrer.²⁸

Apaixonado pelo lugar onde nasceu, Neruda dizia portar em si a sua terra, ela é parte indivisível de seu ser, sua vontade maior era tornar-se parte dessa imensa terra que é o continente americano e, assim, suas raízes perpassam sua poesia, compõem e dão vida aos

²⁶ NERUDA, Pablo. Op. cit., p. 305.

²⁷ NERUDA, Pablo. Op. cit., p. 245

²⁸ Idem, p. 146.

seus versos. Não poderíamos deixar de mencionar o grande fascínio que os bosques chilenos causavam no poeta, desde a infância. O modo como ele, no início de suas memórias, elabora sua descrição também nos deslumbra, como fica visível nessas considerações:

Ao pé dos vulcões, junto aos ventisqueiros, entre os grandes lagos, o fragrante, o silencioso, o emaranhado boque chileno... Os pés afundam na folhagem morta, um ramo quebradiço crepita, os gigantes raulies levantam sua estatura encrespada, um pássaro da selva fria atravessa o ar, esvoaçava e se detém entre as ramagens sombrias.

[...]

Quem não conhece o bosque chileno não conhece este planeta.
Daquelas terras, daquele barro, daquele silêncio, eu saí a andar, a cantar pelo mundo.²⁹

Neruda, que sempre quis conhecer os rincões mais desconhecidos do mundo, se tornou cônsul durante a década de 20, visitando diversos países do Oriente como a Índia, Djibuti, Colombo, Cingapura, China e Ceilão. Destas experiências, vemos como Neruda assimila cada cultura, procurando conhecer suas belezas, as cores, as mulheres, os odores, os costumes e as questões sociais desafiantes. Por cada lugar que a tripulação passava o poeta deixava, com seu olhar descritivo e sensível, se envolver com as peculiaridades de cada povo, fazendo a primeira “imagem viageira” deste encontro com o “outro”, a qual pode-se conhecer detalhadamente ao ler o caderno 2 da obra analisada.

Um dos nossos objetivos na análise foi mapear e acompanhar algumas relações que Pablo Neruda estabeleceu com seus contemporâneos, suas redes de amizades, ele que passou por tantas terras, conhecendo diversos militantes políticos, artistas, escritores, intelectuais. Vários destes são nomes que ficaram inscritos na história por suas obras e vidas, nos interessam em muito os diálogos e as trocas intelectuais.

Deste modo, temos, como referência, o caderno 3: “Fogo de amizade”, de *Para nascer nasci*. Escolhemos alguns textos e alguns destes amigos que, aos nossos olhos tiveram relações próximas com o poeta chileno. Alguns, juntamente com suas obras influenciaram e inspiraram a produção poética de Neruda. Nota-se que muitos destes intelectuais/artistas são mencionados não só neste caderno escolhido, mas perpassam a obra por inteira, como podemos perceber, ao longo de nossa análise. Contudo, estes textos são especiais porque foram escritos para estas pessoas, as quais apresentamos aqui.

O primeiro desta lista é Federico García Lorca dentre os inúmeros da “selva de mortos”, (dentre os muitos companheiros espanhóis ao longo da vida, como Picasso, Vicente

²⁹ NERUDA, Pablo. Op. cit., p. 11-12.

Aleixandre, Miguel Hernández e Rafael Alberti, considerado um “irmão)assassinado pelas mãos tirânicas dos representantes do governo de sua pátria, representa e significa os muitos que morreram cantando e lutando pela defesa da sua Espanha. Além de poeta, também era dramaturgo e, com sua trupe, deixava Andaluzia e saía passando por aqueles lugares onde a miséria e o sofrimento assolavam de forma assustadora. Assim, tanto suas peças quanto seus versos foram colocados a serviço destes que os administradores públicos e própria sociedade esqueceram.

“Queriam matar a luz da Espanha”, queriam silenciar esta voz questionadora, a qual a Guerra Civil deu cabo em 1936 juntamente com 1 milhão de mortos e mas meio milhão de exilados, entretanto, sua poesia pulsa, sobrevive, atravessa fronteiras e idiomas, chegando aos corações daqueles que fazem de sua vida uma missão em defesa da liberdade de si e de tantos outros, como, de forma exaltada, Neruda nos fala deste grande amigo que desperta a dor da Espanha:

A poesia, sua vida e sua morte se repetiram pela terra. Seu canto e seu sangue se multiplicam em cada ser humano. Sua curta vida cresce e cresce. Seu coração destruído estava repleto de sementes: não saberão os que assassinaram que estavam a semeá-lo, que deitaria raízes, que continuaria cantando e florescendo em todos os lugares, em todos os idiomas, cada vez mais sonoro, cada vez mais vivente.³⁰

A outra personalidade lembra muito a Lorca, a força poética, o homem de versos e performances teatrais. Por um destino trágicoe/ou por mãos autoritárias, foram levados à morte prematura, não permitindo a continuidade de uma produção de riqueza incalculável. VladímirMaiakóvski se suicidou em 1930 e, logo em seguida, um de seus amigos publicou uma biografia em que, dentre muitas coisas, o objetivo era demonstrar que a morte do poeta russo não foi casual como vários acusavam pelos jornais da época,o mesmo que aconteceu com o jovem espanhol. Como explicar, questionava o biógrafo um fato isolado sendo que, “no curso de alguns anos, toda a fina flor da poesia russa foi varrida?” E diríamos não só russa, mas de muitos outros países como a Espanha.

O texto sobre “nosso grande irmão Maiakóvski” apresenta o precursor de uma possibilidade de escrita poética, na qual Neruda muito se inspirou e tomou como caminho para sua produção. Sendo o primeiro a inserir, na poesia, as questões políticas, como o partido, as reuniões sindicais, o proletariado e, por outro lado satirizando a burocracia, a pequena-

³⁰NERUDA, Pablo. Op. cit., p.107.

burguesia e seus vícios, a poética política foi uma contribuição deste “gigante” para a poesia contemporânea. Cabe destacar que o poeta chileno não só tomou este caminho poético, mas também acreditou no poder da poesia enquanto uma arma de luta, assim como Maiakóvski, sem falar da enorme admiração e amor que Neruda nutria pela Rússia.

Outro texto e nome que não poderia deixar de ser mencionado é do francês Paul Éluard. Por ocasião de sua morte em 1952, Neruda escreveu essas doces considerações para um eterno amigo, do qual manteria viva a presença. A postura que descreve acerca de Éluard se confunde com a sua, cultivador da fraternidade e da bondade, engajado nas causas de seu povo, homem de partido (comunista) e extremamente preocupado com as questões políticas como podemos notar nestas palavras:

Não se acredite que Éluard foi menos político do que poeta. Assombrou-me amiúde sua clara vidência e sua formidável razão política. Juntos examinamos muitas coisas, homens e problemas do nosso tempo, e sua lucidez serviu-me sempre.³¹

E, por fim, seu compatriota José Venturelli, com quem dividiu as “guerrilhas” do Chile, assim como compartilhou sua visão de mundo através de seus versos ao pintor e este, com sua pintura, deu vida aos versos de Neruda. Para além da proximidade, gostaríamos de ressaltar que Venturelli foi uma figura muito importante num momento delicado da vida do poeta. Segundo ele, uma “mosca” importunava seu país e também passou a lhe perseguir, tendo que se esconder. Estava escrevendo uma das suas obras mais conhecidas, *Canto General*, e, devido a essa condição, escrevia os textos e os mandava clandestinamente para Venturelli, que foi organizando a obra. Mas quem seria essa “mosca”? Este é mais um “capítulo triste” da história do Chile, o qual analisaremos com mais detalhes a seguir.

2.3. Um capítulo triste da história do Chile

Neruda, ao se atentar para o peso que as questões políticas têm dentro de toda sociedade, além de vivenciar os horrores da Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial e demais acontecimentos, incorpora cada vez mais o político ao poético, no entanto, era preciso ir além. Em 1945, advogando as causas socialistas, filia-se ao Partido Comunista Chileno, tornando-se senador pelo mesmo, tendo em vista que o partido tem uma “função, que é diretiva e

³¹ Idem, p.97.

organizativa, isto é, educativa, intelectual”³², como já escrevia o pensador italiano Antonio Gramsci.

Com os dados acima ficará mais claro ao leitor quando ler a análise que fazemos do Caderno 6: “Luta pela justiça” (*Para nascer nasci*), aqui encontramos dois documentos históricos que permitem problematizar a forma como um governo toma sua face autoritária e passa a perseguir aqueles a quem deveriam representar.

O primeiro documento é uma carta de Neruda, a qual publicou em um jornal de Caracas, em novembro de 1947, e enviou para diferentes intelectuais de distintos lugares. O escrito denuncia os últimos ocorridos que a imprensa internacional, juntamente com o governo chileno, tentava esconder. Tratava-se da crise democrática do Chile, que colocava em risco o caráter democrático do país, o que era considerado um patrimônio, uma tradição nestas terras.

Os acontecimentos eram uma traição por parte do presidente que, conjuntamente com forças estrangeiras, principalmente norte-americanas, que viram seus interesses prejudicados levou o Chile a uma situação dramática. Cabe ressaltar que González Videla contou com apoio do partido comunista para sua eleição, tendo uma aprovação significativa por parte da população, além disso, quem presidiu a campanha do então candidato foi Pablo Neruda.

González Videla assumiu a responsabilidade de levar a cabo as reformas de que tanto seu país necessitava, tendo assinado um documento em que dizia se comprometer em aplicar o programa 4 de Setembro que frisava a reforma agrária. Mas o que aconteceu? Ao ser eleito, Videla convidou para ministérios três figuras pertencentes ao partido comunista, estes tentaram desempenhar o que foi prometido, mapearam os problemas sociais e queriam realmente realizar a reforma, no entanto o presidente se envolvia cada vez mais com a oligarquia local e com os estrangeiros detentores das maiores riquezas do Chile, donos de grandes empresas como a Braden Copper Co. e a Anaconda Copper dentre outras, e, sendo influenciado por estes acabou, retirando os três ministros dos cargos.

A exploração aos trabalhadores só aumentava, os salários cada vez menores, a produção agrícola diminuiu para que os donos das terras tivessem lucros, a maioria da população estava em condições delicadas, a fome começava a assolar. Diante de tal situação, os trabalhadores se organizaram e fizeram uma greve geral, o governo por sua parte a torna ilegal e passa a coibir as manifestações, utilizando-se das forças armadas não só do país, mas estrangeira

³²GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. In: _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.15.

entregando a estes todas as estratégias de defesa do Chile. Pessoas começaram a ser mortas e perseguidas, criaram-se dois campos de concentração, a censura fez a imprensa se calar, aumentou a perseguição aos grupos libertadores e a subsequente expatriação de refugiados políticos, a conivência com grupos fascistas, os quais combatera Videla. O grande plano era um golpe militar, que não deu certo, pois não conseguiu arrumar apoio para realizar tal. Em contrapartida o presidente procurou decretar uma lei, dando-lhe “poderes quase ditatoriais”.

No entanto, a pena de Neruda sai em defesa de seu país, ele que estava afastado das suas “obrigações” políticas por pedido do Partido Comunista para que terminasse seu livro *Canto General*, retorna a Santiago para ajudar nesta luta, nesta “resistência” contra o cerceamento e a perseguição que se agravavam mais ainda, tornando incerto o futuro do Chile, como aponta, na referida carta, o poeta:

Eu vos escrevo estas linhas para dizer o quão incerta é a situação, que por seu próprio artificialismo pode ser levado a um estado de maior violência. O povo chileno, entretanto, espera tranqüilamente e seu sentido orgânico o faz aceitar as provocações a que dia a dia o Governo o conduz.

[...]

Este não é um chamado nem um pedido de ajuda. É simplesmente uma carta íntima para milhões de homens que desejariam conhecer o drama de um país que fora o mais orgulhoso entre campeões da liberdade americana.³³

A referida carta desagradou em muito o presidente, o que o levou a fazer uma petição do mandato de senador de Neruda, no entanto, essa atitude só despertou mais indignação no poeta, que saiu em sua própria defesa, pronunciando o segundo documento “Eu acuso” numa das sessões do senado. Rebatendo a sua retirada de direitos, lembra aos presentes as 4 liberdades pronunciadas pelo presidente americano Roosevelt, ressaltando o cerceamento que o governo tem feito sobre as pessoas e os meios de comunicação e declarando que sua carta não foi um desprestígio para o Chile, ela apenas contava a verdade, a real situação pela qual passava seu país.

Mais uma vez, reafirma que a atitude de Videla foi uma traição à pátria, que outros intelectuais e políticos, ao longo do curso da história em distintos países, já haviam sentido o peso da face autoritária de um governo, mas continuaram a lutar, a cantar contra a opressão. Sendo acusado de voltar-se “contra” a pátria, Neruda ressalta que a sua pátria não é o poder executivo e assim não seria crime algum criticar a ação dele.

³³NERUDA, Pablo. Op. cit., p. 298-299.

No entanto, as coisas se complicaram, o partido comunista foi colocado na ilegalidade e Neruda passa a ser procurado, e, não tendo alternativa, fugiu pelos Andes até a Argentina e de lá se exilou no México. Dez anos depois, em 1958, quando já havia prescrito o seu mandato de prisão e centenas de chilenos ainda continuavam a sofrer com o exílio imposto pelo ditador González Videla, e um grupo de reacionários que tentavam fazer perdurar tal situação de exploração e dor a seu povo, intercede por meio de uma carta ao então presidente (Carlos Ibañez del Campo) solicitando que fosse concedido o direito de voto e demais direitos que todo cidadão chileno devia ter. Assinalava como ser possível ser reconhecido em todos os cantos como representante de sua pátria, através de sua premiada poesia que canta, antes de tudo, o seu povo e seu país.

Ao retornar com prêmio Nobel de 1972, é recebido por milhares de trabalhadores (petroleiros, salitreiros, mineiros, mercantes, pescadores...) mulheres e crianças, Neruda fala ao seu povo sobre o grande prestígio internacional que sua pátria tem ganhando, ao levar a cabo a real independência de seu país, tornando-o autônomo frente à interferência estrangeira, principalmente com a nacionalização do cobre. E, por fim, destaca o eminente perigo que a Unidade Popular e o seu governo tem passado, tendo aumentado os rumores sobre uma guerra civil, mais um triste e inesquecível capítulo que manchou com o sangue de milhares de chilenos a história do Chile, o qual abordamos no primeiro capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo de toda a escrita, nossa finalidade foi compreender a produção literária de Pablo Neruda e seu engajamento para além das ousadas propostas artísticas/estéticas, mas também sua preocupação com as questões sociais enfrentadas pela população chilena frente ao consentimento das forças dirigentes com a interferência política das “grandes potências mundiais” ao longo de toda sua história, sua atuação política em prol da construção de outra sociedade, tendo em vista essa possibilidade de análise que a literatura, a poesia, nos oferecem, como ressalta Beatriz de Moraes Vieira:

...“em seu “descompromisso”, a poesia conhece aspectos da história humana além das palavras-narrativas, ela relata o homem nu. Se o silêncio, a intenção de dar voz e a memória constituem a motivação última do historiador, tanto quanto do poeta, é possível fazer história sem alguma poesia? E se concebermos a prosa da história como reverso do verso, e a poesia como a mais aguda possibilidade dos sujeitos históricos se contarem a perplexidade, a dor e a beleza de sua história?”¹

Alguns podem considerar uma generalização a afirmação de que toda obra de arte, linguagem artística, ou qualquer que seja, é produto de sua época, é reflexo de uma temporalidade. No entanto, devemos considerar a singularidade temporal da produção, como nos adverte Edward Palmer Thompson², quando toma para sua análise os poetas românticos do fim do século XVIII. Portanto, trata-se de considerar a importância da historicidade ao analisar as obras artísticas, sendo elas práticas sociais.

Devemos nos atentar para o fato de que uma simples escolha trilhada em deixar de lado determinadas discussões e questões cotidianas implica uma postura que nunca deixa de ser política, social e não somente cultural/artística. Contudo, a produção de Neruda traz intrínseca todas as questões que perpassavam a sociedade, na verdade são essas questões as suas preocupações, sobre as quais discorre entre um e outro verso, versos que talvez não fossem os mesmos, se escritos em outro lugar e espaço. A voz que encantou e cantou as dores, o sangue derramado e as beleza do povo de “nuestra” América só teve e tem tamanha beleza porque teve como ele mesmo sempre dizia que enfrentar antes de mais nada a imensa solidão causada pela própria localização geográfica de sua pátria.

¹ VIEIRA, Beatriz de Moraes. Poesia e História: diálogo e reflexão. *ArtCultura*. Uberlândia: EDUFU, v.7, n. 10, Jan./Jun., 2005, p.21.

² THOMPSON, Edward Palmer. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

Acreditamos que o que propomos inicialmente, em termos de nosso objeto, foi desenvolvido, ao longo da narrativa. Contudo, cabe salientar que a obra escolhida, por ser extremamente múltipla, permite que, a partir dela, sejam explorados diversos aspectos. No entanto, como já mencionado, no exercício da pesquisa é necessário operar recortes, fazer escolhas e eleger temas prioritários, em detrimento de outros. Nem sempre é possível amadurecer tudo aquilo que gostaríamos.

O objetivo inicial era trabalhar com toda a obra escolhida, analisar todos os cadernos, que trazem diversas temáticas, mas, levando em consideração o tempo de pesquisa, buscamos escolher alguns cadernos, alguns assuntos, portanto, nossa pesquisa não esgota nosso objeto de estudo, na verdade, nenhuma pesquisa consegue esgotar seu objeto de estudo, há sempre outras possibilidades, outras inquietações que vão surgindo com o aprofundamento e a exploração dos materiais.

Para além das escolhas feitas neste trabalho, gostaríamos de apontar que a obra literária de Neruda nos permite visualizar várias propostas de estudos. Muito embora quase todos os escritos tomados sobre a vida e a obra do poeta falem e ressaltem a complexidade e importância do livro *Terceira residência*, não encontramos nenhuma pesquisa que tenha se debruçado sobre os versos desta obra, a qual compõe uma trilogia, juntamente com a *Residência na terra I* e *Residência na terra II*: quais seriam as questões tratadas nessas obras? Que relação há entre elas?

O tema da memória, quando lemos algumas das obras do poeta, também se sobressai. Para além de seu livro de memórias *Confesso que vivi*, há uma publicação nesse sentido muito interessante, de 1964, por ocasião da comemoração dos 60 anos do poeta, trata-se do *Memorial de Isla Negra*, originalmente em 5 volumes e que evidencia essa forte relação de Neruda com sua pátria, memórias deste lugar, o qual sempre lhe causou fascinação, principalmente o mar.

Essa relação, ligação de Neruda com o Chile foi uma das questões que mais chamou a nossa atenção para além dos temas discutidos na análise e, embora, nesse momento, não tenha sido possível aprofundá-la, gostaríamos, futuramente, de retomá-la, o que consideramos como um dever de ofício para Neruda.

Enfim, Neruda, ao longo de sua carreira, publicou dezenas de livros que tratam de todos os assuntos possíveis, os quais podem ser tomados como objetos, documentos e fontes para a pesquisa histórica. Além disso, há vários trabalhos sobre sua produção, algumas biografias, os quais possibilitam uma melhor compreensão a qualquer pesquisador com maiores interesses na poética e no poeta chileno. Também gostaríamos

de salientar o romance de Antonio Skármeta³, que tem como eixo central a história de amizade entre um carteiro e um poeta. Mário, o carteiro, que era responsável por fazer entregas apenas a uma casa em Isla Negra, a qual pertencia a Pablo Neruda. A trama se desenvolve e vemos essa relação se estreitar e Neruda acaba “ajudando” o carteiro a conquistar sua amada. A obra ganhou vários prêmios e, em 1994, ganha vida nas telas de cinema, com o filme que leva o mesmo título do livro *O carteiro e poeta*.⁴

Não poderíamos terminar esse texto sem falar, refletir sobre o papel do intelectual em nossa contemporaneidade, após realizar uma pesquisa sobre tal temática e tomando não só Neruda, mas também Gramsci (enquanto suporte teórico). O que dizer da função do intelectual dentro da sociedade? O que dizer de nossa intelectualidade? Quais são suas posturas e compromissos? E nós, historiadores, de que forma temos contribuído, por meio de nosso ofício, para a construção de um sociedade melhor?

O que nos levou a escolhermos nosso objeto de estudo foi a inquietação e o desconforto em relação ao nosso engajamento dentro e fora da academia. Vivemos em uma época em que nos cobram cada vez mais resultados, uma produção que, se a seguimos a risca, ficamos trancados em “nossos gabinetes”, sendo essa a realidade para muitos, que se esquecem da verdadeira realidade que está após os muros da universidade, das condições precárias em que vivem a maioria da população, dos desafios sociais e políticos.

Estamos a terminar nossa formação inicial e fica o questionamento: como voltar para a realidade que a nós espera, assim que sairmos pelos portões da academia? O que a sociedade espera de nós no exercício de nossa função, num país em que seus cidadãos ainda sofrem com a dificuldade de acesso ao conhecimento, e à educação? Como mudar (reescrever) a História de nosso país que, até então, tem sido aquela em que sobressaem os vencedores?

Faço dessas indagações nossas palavras finais acreditando no poder da assertiva de Walter Benjamin: “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador”.⁵

³ SKÁRMETA, Antonio. **O carteiro e o Poeta**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

⁴ RADFORD, Michael. **O carteiro e o poeta**. Disney / Buena Vista, 1994, 108 min. O filme teve uma recepção significativa tanto do público como da crítica especializada. Também recebeu várias premiações e dentre elas, o Oscar pela melhor trilha sonora, além de outras indicações.

⁵ BENJAMIM, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.241-252.

FONTES:

Obras de Pablo Neruda:

- ✓ **As uvas e o vento.** Tradução de Carlos Nejar. Porto Alegre: L&PM, 2010
- ✓ **Canto Geral.** São Paulo: Difel/Difusão Editorial, 1979.
- ✓ **Cantos cerimoniais.** José Eduardo Degrazia. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- ✓ **Confesso que vivi.** Tradução de Olga Savary. 30ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- ✓ **Jardim de Inverno.** José Eduardo Degrazia. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ✓ **Para nascer nasci.** Tradução de Rolando Roque da Silva. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- ✓ **Últimos poemas: (O mar e os sinos).** Tradução de Luis de Miranda. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Artigos, trabalhos acadêmicos, capítulos e livros sobre vida e obra de Pablo Neruda:

- ✓ AGUIRRE, Margarita. **Genio y figura de Pablo Neruda.** Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1967.
- ✓ BETUSSI, Teresinha Lisana. A poesia de Pablo Neruda: vanguarda, modernismo e regionalidade. **Antares**, nº 3, p.113-128, Jan./jun., 2010.
- ✓ BIONDO, Delson. Neruda e o México: Encontros e Desencantos. **Revista Letras.** Curitiba: Editora UFPR, nº. 65, p. 43-69, jan./abr. 2005.
- ✓ BLOOM, Harold. Borges, Neruda e Pessoa: Whitman Hispano-Português. In: _____. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.442-468.
- ✓ CORTÁZAR, Julio. Neruda entre nosotros. **Obra crítica/3.** Buenos Aires: Alfaguara, 1994, p.63-75.
- ✓ COSTA, Adriane A. Vidal. Pablo Neruda: Um Poeta Engajado. **História e Perspectivas.** Uberlândia: EDUFU, v.º 1, nº. 35, Jul./Dez., 2006.
- ✓ GODOY, Elena. Sobre a Poesia *Política* de Neruda. **Revista Letras.** Curitiba: Editora UFPR, nº. 65, p. 71-91, jan./abr. 2005.
- ✓ GONZAGA, Vera Lúcia Mojaes M. **A poesia plural de Pablo Neruda.** 2009. 562 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Pós-Graduação em Estudos

Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Araraquara, 2009.

- ✓ IMBERT, Enrique Anderson. **História de la Literatura Hispanoamericana II** – Época Contemporânea. México: FCE, 1985.
- ✓ LANGLOIS, José Miguel Ibáñez. **Rilke, Pound, Neruda: três Mestres da poesia contemporânea**. São Paulo: Nerman, 1988.
- ✓ MIX, Miguel Rojas. “América, no invoco tu nombre en vano”. La idea de la América Latina. De Neruda a la geopolítica contemporânea. **Revista Casa de las Américas**, n°. 253, p.4-38, octubre-diciembre, 2008.
- ✓ SKÁRMETA, Antonio. **O carteiro e o Poeta**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ✓ SKREPETZ, Inês. Pablo Neruda: o intelectual diante do poder. **Luminaria**. IEPS/ PR, v°. 1, n°. 9, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ines.pdf>.
- ✓ SOLER, José Carlos Rovira. **Neruda: el tempo español de la solidaridad y el compromiso**. Biblioteca virtual Miguel de Cervantes. Disponible en: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/neruda---el-tiempo-espaol-de-la-solidaridad-y-el-compromiso-0/html/000ab534-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html#I_1

Materiais disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos (os quais abrigam uma rica possibilidade de acesso a vários tipos de produção acerca do tema, desde uma linha do tempo sobre a vida e obra do escritor, artigos sobre os mesmos, dossiê de fotos, depoimentos e até áudios do poeta recitando alguns de seus versos):

- ✓ <http://www.fundacionneruda.org>
- ✓ <http://www.neruda.uchile.cl/>

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARRIAGADA, Juan. “Nuevo pacto”; un paso en la legitimación del Militarismo. **ENCUENTRO XXI.** Santiago, Otoño de 1998, año 4, N° 11, p.76-90.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BLOCH, Marc. **Apologia da História:** ou ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CAMILLOTI, Virgínia; NAXARA, Marcia Regina C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates,** Curitiba, n. 50, jan./jun., 2009, p.15-49.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. El pasado en el presente: literatura, memoria e historia. **Artcultura.** Uberlândia: EDUFU, v.8, n.13, jul.-dez., 2006, p.7-19.

ELQUETA B, Belarmino e CHELÉN, R., Alejandro. Breve história de meio século no Chile. In: CASANOVA, P. G. (org.). **América Latina:** história de meio século. Brasília: Editora da UNB, 1988, p.192-218.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais.** Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. In: _____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.3-23.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Literatura. Folclore. Gramática. Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUAJARDO, Guillermo. CHILE: desapareição y olvido como política de Estado. **Fondo Aleph**. Biblioteca virtual de ciencias sociales, vol. II, nº. 5, 2001, p.25-40.

HARNECKER, Marta. Los tres Años del Gobierno Popular de Salvador Allende. **ENCUENTRO XXI**. Santiago, Primavera de 1998, año 4, N° 13, p.34-41.

KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (orgs.). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010, p.123-132.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MOULIAN, Tomás. ALLENDE: ¿Mito o pretexto? **ENCUENTRO XXI**. Santiago, Primavera de 1998, año 4, N° 13, p.46-47.

NUNES, Leandro José (org.). Dossiê – História e Literatura. **História e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, nº45, Jul./Dez., p. 15-254, 2011.

PAULA, Dilma Andrade de. De máquinas e feras: o ambiente ferroviário em *A Besta Humana*, de Émile Zola. In: DUARTE, G.R., FROTSCHER, M., LAVERDI, R. (Org.). **Práticas socioculturais como fazer histórico: abordagens e desafios teórico-metodológicos**. Cascavel-PR: Edunioeste, 2009, p.263-285.

PAULA, Dilma Andrade de. Entre Estado e poder: o papel dos intelectuais, agentes da e na sociedade civil. **Historia & Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, Jul./Dez., v. 48, p. 155-190, 2013.

PAULA, Dilma Andrade de; NUNES, Leandro José. As várias faces da Revolução mexicana em Azuela, Octávio Paz e Carlos Fuentes. In: **III Congresso Internacional do Núcleo de Estudo das Américas**. Rio de Janeiro: NUCLEAS/UERJ, 2012, p. 01-15.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. História e literatura: uma *velha-nova* história. In: COSTA, Cléria Botelho; MAHADO, Maria Clara Tomaz (org.). **História e Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia-MG: EDUFU, 2006, p.11-27.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RIVAS, Patricio. El Allendismo y la ruptura de la República simulada. **ENCUENTRO XXI**. Santiago, Primavera de 1998, año 4, N° 13, p.82-86.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão** – Tensões sociais e criação na Primeira República. 2ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

STERN, Steve J. De la memoria suelta a la memoria emblemática: Hacia el recordar y el olvidar como proceso histórico (Chile, 1973-1998), p.01-24. Disponible en: <http://www.lapetus.uchile.cl/lapetus/archivos/1302552396stern.pdf>

THOMPSON, E. P. Intervalo: a lógica histórica. In: _____. **A miséria da teoria ou m planetário de erros** – uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.47-62.

VALLEJOS, Julio Pinto. Hacer la revolución en Chile. In: VALLEJOS, Julio Pinto (Coordinador – editor). **Cuando hicimos historia** – la experiencia de la Unidad Popular. Santiago: LOM Ediciones, 2005, p.9-33.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. Poesia e história: diálogo e reflexão. **Artcultura**. Uberlândia: EDUFU, v.7, n.10, jan./dez., 2005, p.7-21.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**:na História e na Literatura. São Paulo: Companhia de Letras, 2011.